



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

MARIA ESTER DE SOUZA

**TERRITÓRIO E VULNERABILIDADE: Uma
abordagem geográfica dos riscos na Vila dos
Teimosos em Campina Grande-PB.**

**CAMPINA GRANDE – PB
2012**

MARIA ESTER DE SOUZA

**TERRITÓRIO E VULNERABILIDADE: Uma
abordagem geográfica dos riscos na Vila dos
Teimosos em Campina Grande-PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em
Geografia pela Universidade Estadual da
Paraíba-UEPB, como requisito às exigências
para obtenção do Grau de Licenciatura em
Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Joana d'Arc Araújo Ferreira.

CAMPINA GRANDE – PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S729t Souza, Maria Ester de.
Território e vulnerabilidade [manuscrito]: uma abordagem geográfica dos riscos na Vila dos Teimosos em Campina Grande-PB / Maria Ester de Souza. – 2012.
75 f. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.
“Orientação: Prof^a. Dr^a. Joana d’Arc Araújo Ferreira, Departamento de Geografia”.

1. Geografia Humana. 2. Demografia. 3. Vila dos Teimosos - Campina Grande-PB. I. Título.

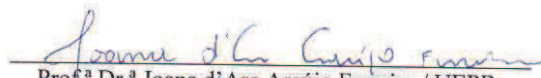
21. ed. CDD 910

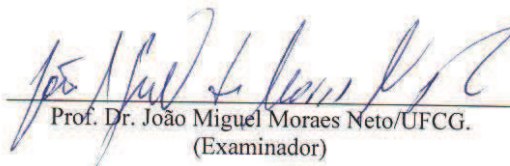
MARIA ESTER DE SOUZA

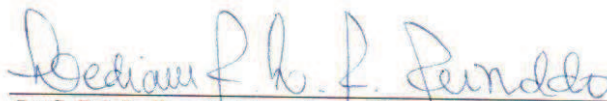
**TERRITÓRIO E VULNERABILIDADE: Uma
abordagem geográfica dos riscos na Vila dos
Teimosos em Campina Grande-PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em
Geografia pela Universidade Estadual da
Paraíba-UEPB, como requisito às exigências
para obtenção do Grau de Licenciatura em
Geografia.

Aprovada em 10/12/2012.


Prof.ª Dr.ª Joana d'Arc Araújo Ferreira / UEPB.
(Orientadora)


Prof. Dr. João Miguel Moraes Neto/UFCG.
(Examinador)


Prof. Dr. Lediam Rodrigues Lopes Ramos Reinaldo/UEPB.
(Examinadora)

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, Joaquim Manoel (*in memoriam*) por seu companheirismo, histórias e conselhos e à minha querida mãe Augusta, mulher valorosa, digna de ser sempre venerada! Augusta em seu nome, em seu coração, em sua história, em sua vida, em sua sublime missão de ser mãe em sua maneira de amar divinamente. Augusta é a presença de sua presença Augusta! É a sua existência Augusta de ser minha mãe, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, primeiramente, pelo Seu cuidado e direção, por estar sempre no controle e me acompanhar desde a infância em todos os momentos, até mesmo naqueles que eu preferi caminhar sozinha.

À professora Dr^a. Joana d’Arc Araújo Ferreira, minha orientadora, por me apoiar desde 2010 até o presente momento, pela sua simpatia e por sua amizade extraordinária, também, no âmbito extra-universitário. Por acreditar em minha pessoa, até mais que eu mesma e me conceder oportunidades, por me integrar em seus projetos de pesquisas (Extensão e Iniciação Científica) nesta linha da Geografia do Risco. Por me proporcionar assim, “um norte” a seguir, um caminho a trilhar nessa área de conhecimento tão vasta quanto é a geografia. Por estas, e outras mais, muito lhe devo e só tenho a agradecer.

Ao professor Me. Arthur Tavares Valverde pelas suas recomendações bibliográficas e sugestões de leituras enriquecedoras sem mencionar os pareceres que me foram fundamentais e de considerável crescimento em minha formação geográfica. Pelo acompanhamento e contribuições tanto no GEUR (Grupo de Estudos Urbanos), quanto em outro Grupo de Estudos para Pós-Graduação, muito grata.

Ao professor Dr. João Miguel da UFCG pelas suas contribuições e qualificação com as quais pude certamente ampliar meus horizontes e à Professora Dr^a. Ledian pelas disciplinas ministradas ao longo do curso e por fazer parte também desta história, Obrigada.

Aos meus colegas e amigos David Luiz, Jéssica Camêlo e Wendenberg Santana por me integrarem no grupo de estudos e também aos demais participantes pelas ricas discussões e estudos em conjunto que só me acrescentaram e somaram a meu processo de formação.

À minha amada família, à minha mãe Augusta, às minhas três irmãs: Luana, Hosana e Aninha pelo amparo constante ao longo destes quatro anos que estive longe do lar. Pelo apoio e pela motivação sem igual recebidos da parte da família, mesmo à distância. E, também, às irmãs do coração, à Andrea (a mamãe do Gustavo), que sempre esteve comigo e à Sônia (professora-amiga), por suas mensagens reconfortantes e a inspiração de uma Bela¹ amizade, que está além do tempo e do espaço.

¹ Este adjetivo, neste caso, é grafado com letra maiúscula, por conta do valor simbólico, possui um significado mais subjetivo e representativo na história dessa amizade.

Às colegas e amigas Josinete Oliveira e Allana Moreira pela amizade e parceria em muitas atividades durante o curso. À minha amiga e colega Raiane Gonçalves por sua sincera amizade e pela parceria neste último ano de curso no Projeto de Extensão e no trabalho realizado no Estágio Supervisionado e no Cursinho Pré-Vestibular Solidário (UFCG), que em muitos momentos trouxe-me motivação e alegria. Registro ainda, os meus agradecimentos às duas turmas de 2009.1 (diurno e noturno) das quais fiz parte ao longo deste curso pela interação, pelas aulas de campo e as demais atividades realizadas em conjunto. E, em especial, agradeço ao Jonas Marques e Leomar Rocha que estiveram mais próximos desde o início do curso, com discussões que promoveram aprendizado e pelas conversas amigáveis que me fizeram bem e, principalmente, por essa amizade que seguirá pela vida...

Ao Joás e a Ednéa, à Claudinha Nascimento (pelas conversas, informações e dados sobre a Vila) e à Senhora Dona Socorro, por toda a hospitalidade, apoio e companhia em Campina. A estes que estiveram bem presentes, dando-me muita força, em momentos críticos, importando-se comigo, sou imensamente grata.

Aos professores do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da UEPB especialmente aos das Práticas Pedagógicas e dos Estágios Supervisionados e, de uma maneira geral, a todos aqueles que em maior ou menor proporção vieram a contribuir nesses anos, seja por meio das disciplinas e atividades realizadas, seja pela sociabilidade e amizade construída. Isso me foi de uma significativa importância, tanto em relação à minha vida pessoal quanto ao meu processo de formação profissional. A estes, devoto-lhes todo o meu respeito.

Aos funcionários da UEPB, de uma maneira geral e, em especial, aos responsáveis pelas copiadoras de Epitácio e de Penélope, por me conceder gratuitamente o material xerocopiado em momentos de dificuldades financeiras, a estes, expresse meus agradecimentos e a minha consideração pelo atendimento, presteza e solidariedade... Muito obrigada!

Finalmente, quero deixar registrado aqui, o meu sincero agradecimento a todos que, de algum modo, contribuíram em minha formação geográfica. Na construção deste trabalho e na minha experiência de vida na Paraíba (em Campina Grande e Alagoa Nova). Também sou grata àqueles dos quais não menciono, mas que também fizeram parte. Enfim, a todos e a todas, quero estender o meu respeito, a minha consideração e sinceramente dizer MUITO OBRIGADA e muito obrigada mesmo!

EPÍGRAFE

CORRER RISCOS

O que será, correr riscos?
A nossa existencia é um risco
O nosso respirar, bem ou mal é um risco.
Falar o que vai à alma é um risco
Ser verdadeiro é um risco
Amar o próximo é hoje um risco
Até nascer é um risco
Confiar no outro é um risco
Amar é um senhor risco
Ser amigo é riscar muitos nomes
Que não sabem ser amigos
Viver, hoje, é um grande risco.
Afinal desde que estejamos
Vivos, o que não é um risco?

(Sara Rosa).

RESUMO

SOUZA², Maria Ester de. **Território e Vulnerabilidade: Uma abordagem geográfica dos Riscos na Vila dos Teimosos em Campina Grande-PB. 75 pág.** Monografia de Graduação em Licenciatura Plena em Geografia. DG/UEPB, Campina Grande-PB, 2012.

A presente monografia tem como título Território e Vulnerabilidade: Uma abordagem geográfica dos riscos na Vila dos Teimosos em Campina Grande-PB. A mesma é resultado da pesquisa sobre a geografia dos riscos no espaço urbano com o estudo das relações estabelecidas entre os moradores da comunidade da Vila dos Teimosos em seu território de ocupação às margens do Açude de Bodocongó. Iniciado com o Projeto de Extensão “A Geografia como Estratégia de Planejamento em Áreas de Risco em Campina Grande-PB (2011-2012)” integrado às atividades do Laboratório de Estudo em Geografia – LAEG e ao Projeto de Iniciação Científica “A Geografia do Risco nos Territórios Geográficos da Corporeidade na Vila dos Teimosos”. Inicialmente convém destacar que, tendo-se o território como categoria de análise, possibilita-se ao geógrafo o desafio de trabalhar as interfaces no campo das inter-relações da sociedade e das localidades vulneráveis aos riscos. Como objetivo geral do presente trabalho tem-se o de verificar as relações inclusivas e excludentes sobre as quais são construídos os territórios e as vulnerabilidades, numa abordagem geográfica dos riscos na Vila dos Teimosos em Campina Grande-PB / Brasil. No que tange aos procedimentos metodológicos realizou-se uma pesquisa de campo exploratória com a população residente nesta área, utilizando-se como técnica a entrevista estruturada desta pesquisa. Fez-se um levantamento quali-quantitativo com pesquisa bibliográfica em livros, dissertações, teses e periódicos com o objetivo de construir as ideias norteadoras que fundamentam a investigação. Também se fez o trabalho de campo, a fim de conhecer a dinâmica do território, e o registro fotográfico da área. Dos resultados obtidos neste estudo destaca-se a urgente necessidade de uma adequada gestão urbana a fim de proporcionar melhores condições de vida para populações marginalizadas. Dessa feita, esse trabalho traz uma reflexão sobre a possível relação território-vulnerabilidade de um ponto de vista que envolve as dinâmicas sociais, ambientais e culturais do espaço geográfica, uma vez que a dimensão humana constitui-se o cerne da concepção de meio ambiente, que está relacionada ao homem e às sociedades, abrangendo, assim, a produção e a distribuição das desigualdades sociais no mundo globalizado.

PALAVRAS-CHAVE: Áreas de Risco. Território. Vila dos Teimosos. Gestão Urbana.

²E-mail: mariaester_souza@hotmail.com

ABSTRACT

SOUZA³, Maria Ester. **Territory and Vulnerability: A geographic approach Risks in the Vila of Teimosos in Campina Grande-PB.** 75 pg. Monograph Undergraduate Full Degree in Geography. DG / UEPB, Campina Grande-PB, 2012.

This monograph is titled Planning and Vulnerability: A geographic approach risk in the Village of Stubborn in Campina Grande-PB. The same is the result of research on the geography of risk in urban space by studying the relationship between the community residents of the Vila dos Teimosos occupation in its territory on the banks of the dam Bodocongó. Started with Extension Project "Geography and Planning Strategy Risk Areas in Campina Grande-PB (2011-2012)" integrated activities of the Laboratory Study in Geography - LAEG and Scientific Initiation Project "The Geography of Risk Geographical Territories of Corporeality in the Vila dos Teimosos". Initially it should be noted that, taking up the territory as a category of analysis, enables the geographer to the challenge of working interfaces in the field of inter-relations of society and places vulnerable to risks. As a general objective of this work has been to verify the inclusive and exclusive relationships which are built on the territories and vulnerabilities, a geographical approach risk in the Vila dos Teimosos in Campina Grande-PB/Brazil. Regarding the methodological procedures held exploratory field research with the resident population in this area, using a structured interview technique as this research. There was a survey qualiquantitativo with literature in books, dissertations, theses and journals in order to build the guiding ideas that underlie the research. It also did field work in order to understand the dynamics of the territory, and the photographic record of the area. The results of this study highlight the urgent need for a proper urban management to provide better living conditions for marginalized populations. This time, this work presents a reflection on the possible relationship territorial vulnerability of a viewpoint that involves social dynamics, environmental and cultural geographical space, since the human dimension constitutes the core of the design environment, that is related to man and societies, covering thus the production and distribution of social inequality in a globalized world.

KEYWORDS: Risk Areas. Territory. Vila dos Teimosos. Urban Management.

³ E-mail: E-mail: mariaester_souza@hotmail.com

LISTA DE IMAGENS

FOTO 1 – A configuração do Território com a construção do residencial.....	48
FOTO 2 – Obras de canalização do Dona Lindu.....	49
FOTO 3 – Resíduos Depositados na rua.....	55
FOTO 4 – Terreno baldio.....	56

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ORGANOGRAMA 1 – Definição do Significado do Risco.....	33
ORGANOGRAMA 2 – Definição do termo “Hazard”.....	33
ORGANOGRAMA 3 – Classificação dos acidentes ambientais.....	34

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Recorte espacial de localização da Vila dos Teimosos.....	39
FIGURA 2 – Representação espacial do Estado da Paraíba.....	42
FIGURA 3 – Municípios paraibanos mais vulneráveis as áreas.....	43

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Concepções e terminologias.....	34
QUADRO 2 – Dos Serviços existentes a beneficiar a população.....	46
QUADRO 3 – Comércio da Vila.....	47

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Danos humanos registrados nos últimos anos na Paraíba.....	44
GRÁFICO 2 – Dados referentes à naturalidade das pessoas da comunidade.....	51
GRÁFICO 3 – O número de estudantes por residência.....	51
GRÁFICO 4 – Origem ou residência anterior.....	52
GRÁFICO 5 – Nível de escolaridade dos entrevistados.....	52
GRÁFICO 6 – Resultado do tempo de residência na Vila.....	53
GRÁFICO 7 – O motivo de residir na Vila.....	54
GRÁFICO 8 – Serviços Sanitários e Ambientais.....	55
GRÁFICO 9 – Destino dos Esgotos da Vila.....	56

LISTA DE SIGLAS

CAGEPA	Companhia de Água e Esgotos da Paraíba
CAPS	Centro de Assistência Psicossocial
	Centro de Tecnologia do Couro e do Calçado Albano Franco Núcleo de Educação
CTCC	Profissional.
IML	Instituto Médico Legal
PSF	Programa Saúde da Família
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFCEG	Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	14
2.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1	A Geografia em tempos de incertezas: por que Geografia dos riscos?.....	18
2.2	Território e Vulnerabilidade: Uma Abordagem Geográfica.....	23
2.2.1	Concepções de Território: A Busca do Novo Olhar Sobre o Espaço.....	24
2.2.2	As Dimensões Territoriais da Vulnerabilidade.....	29
2.2.3	Por uma Geografia dos Riscos: A Problemática em Questão.....	32
3.	METODOLOGIA	37
3.2	Em justificativa da escolha territorial.....	37
3.3	Aspectos Fundamentais de Sua Gênese (da ocupação do território).....	40
4.	RESULTADOS E DISCUSSÕES	41
4.1	Os riscos no Estado da Paraíba.....	41
4.2	Outras Observações Sobre o Território da Vila.....	45
4.3	Breve perfil socioeconômico e educacional da população.....	50
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
	REFERÊNCIAS	61
	APÊNDICES	67
	APÊNDICE I	68
	APÊNDICE II	70
	APÊNDICE III	74
	APÊNDICE IV	75

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, que abrange múltiplas dimensões, **são termos recorrentes: riscos, vulnerabilidades, perigos, inseguranças e incertezas. Os riscos** são produzidos socialmente, são percebidos e definidos desde os tempos da Renascença e vem adquirindo cada vez mais destaque na realidade cotidiana das sociedades que são vulneráveis, o que se torna um dos fenômenos de interesse da Geografia atual.

Nesse sentido, a presente monografia intitulada **Território e Vulnerabilidade: Uma abordagem geográfica dos riscos na Vila dos Teimosos em Campina Grande-PB / Brasil**, reflete sobre a possível relação território-vulnerabilidade sob o ponto de vista que envolve as dinâmicas sociais, ambientais e culturais do espaço geográfico. A dimensão humana constitui-se o cerne da concepção de meio ambiente, que está relacionada ao homem e às sociedades e abrange a produção e distribuição das desigualdades sociais no mundo globalizado.

Esse estudo é resultante da pesquisa com questões relacionadas à problemática dos riscos no espaço urbano. Visou-se dar continuidade ao estudo das relações estabelecidas entre os moradores desta comunidade com seu território de ocupação às margens do Açude de Bodocongó.

Iniciado com o Projeto de Extensão: “A Geografia como Estratégia de Planejamento em Áreas de Risco em Campina Grande-PB (2011-2012)”, integrado às atividades do Laboratório de Estudo em Geografia – LAEG, com vínculo ao Departamento de Geografia da UEPB, paralelamente ao de Iniciação Científica que se buscou dar ênfase “a Geografia do Risco nos Territórios Geográficos da Corporeidade na Vila dos Teimosos”.

Como objetivos precípuos, pode-se destacar o de levantar questões quanto à relação território e vulnerabilidade no âmbito da Vila dos Teimosos; verificar as relações inclusivas e excludentes sobre as quais são construídos os territórios e suas vulnerabilidades na percepção dos riscos pela população e identificar as vulnerabilidades geoambientais e socioeconômicas diagnosticando seus principais indicadores de riscos neste território.

A abordagem dos riscos na ciência é multidisciplinar, uma vez que eles se manifestam nas três dimensões: a natural, a social e a tecnológica⁴. Perpassando as ciências exatas, as

⁴ De acordo com Veyret (2007), este riscos correspondem à probabilidade de ocorrer um acontecimento fora do comum, temporalmente inesperado, ligado às disfuncionalidades de um sistema técnico complexo e cujas consequências, de amplitude considerável, permanecem difíceis de serem delimitadas de forma precisa no espaço e no tempo. Tal acontecimento pode afetar a coletividade e contribuir para desestabilizar os poderes constituídos. (Cf. Veyret, 2007, p. 70).

engenharias, as ciências humanas e da saúde. As ciências buscam investigar, estudar e compreender os riscos e estes se têm constituído objeto de análises científica. Objeto de especulação e investigação como realidade presente na existência socioespacial, na vida do homem em seus territórios.

O risco e a percepção que se tem do mesmo não pode ser enfocada sem considerar o contexto histórico pelo qual este foi produzido, ou seja, as relações com o espaço geográfico, com os modos de ocupação, bem como as relações sociais características de cada época.

Problematiza-se que a relação do território com o risco tem variado com a época e com as culturas. O risco ocupa uma posição central na sociedade pós-moderna e sempre esteve indissociável com a dimensão política da organização do território, com a repartição dos bens e com o uso dos recursos nas tomadas de decisões e propostas para o futuro a construir cenários que encerrem sempre uma dose de riscos. As imigrações, o crescimento urbano e as desigualdades sociais faz nascerem os riscos sociais: insegurança e a violência urbana.

E, antes de tudo, o risco é social, como afirma Veyret (2007) e não poderia existir sem a presença humana no espaço geográfico ou de uma determinada população que esteja vulnerável a ele. Assim, a vida em sociedade é um desafio à adaptação e a sobrevivência na presença de riscos, de perigos e incertezas. Nesse sentido, a dúvida, a insegurança e as vulnerabilidades são paradoxos constituintes e contraditórios da vivência territorial do ser humano no tempo, no espaço e na configuração socioespacial da contemporaneidade nesta era técnico-científica informacional, em tempos de revoluções científicas e tecnológicas, nos tempos da globalização e da sociedade em redes. Essa nova realidade gera novos riscos.

Há riscos e correm-se riscos em todos os setores da vida em sociedade, das territorialidades que se formam no espaço, territórios de múltiplas vulnerabilidades e riscos. O que significa dizer que viver é correr riscos. Riscos de morte, de violência, de instabilidades, até riscos psicológicos, econômicos, entre outros. Nessa dimensão existencial do ser no espaço e no mundo, as certezas e as verdades são cada vez menores.

O fator econômico influencia os índices de vulnerabilidades de cada população. E, nesse sentido, são notáveis que, as populações mais pobres do globo terrestre são sempre mais vulneráveis aos riscos, muito embora, nessa contemporaneidade, os riscos, se apresentem em realidades multiescalares.

A investigação se justifica pela importância desta abordagem temática tanto no meio acadêmico quanto na sociedade, uma vez que a compreensão da vulnerabilidade passa pelas multidimensionalidades dos processos socioespaciais, indo desde aqueles relacionados à dinâmica demográfica até os ambientais e geográficos de maneira mais ampla.

Neste sentido, a geografia se interessa pelo estudo dos riscos, numa percepção espacial dos processos relacionados não só a produção e distribuição dos riscos e perigos, mas principalmente em relação aos elementos que o delimitam que são variáveis. Em virtude disso, a contribuição do geógrafo é indispensável por incorporar uma visão integrada desta problemática. A compreensão das relações homem/meio/sociedade/natureza está no centro do processo de ocupação humana de um território. Nesse caso, os geógrafos contribuíram muito ao formular uma questão: como é percebido o perigo pelas populações afetadas? Têm as populações percepção da natureza do risco que correm?(MARANDOLA JR., 2004, p.105).

Dentro desse contexto, trazendo o enfoque da problemática para o risco na cidade de Campina Grande-PB em suas diferentes espacialidades, a Defesa Civil destaca cerca de **vinte e duas** áreas susceptíveis, de vulnerabilidades ao risco no espaço urbano campinense. De acordo com Ferreira (2007, p. 32-35), no que concerne ao plano diretor do Município de Campina Grande - a falta do cumprimento do planejamento e parcelamento do solo - segundo a regência das matérias - não foi atribuída a esse local, com o intuito previsto de obter seguridade e ordenamento urbano. As **493 famílias**, assentadas clandestinamente à margem direita do Açude de Bodocongó, nesta mesma cidade, trouxeram graves problemas de devastação aos recursos naturais e conseqüentemente deterioração do patrimônio ambiental local, fortemente danificado (FERREIRA, 2007. Loc. Cit.). O risco nasce da percepção de um perigo ou de uma ameaça potencial que pode ter origens diversas, é o que denominamos uma *álea*⁵, que é sentida por um grupo social ou indivíduo e pode provocar, ao se manifestar, prejuízos às pessoas, aos bens e à organização do território (VEYRET, 2007, p. 30; FERREIRA *et al*, 2008, p.4-5; ALMEIDA, 2011, p. 88).

Para a concretização desta pesquisa, partiu-se de três procedimentos metodológicos: a pesquisa bibliográfica, em livros, dissertações, teses e periódicos com o objetivo de construir as ideias norteadoras que fundamentam a investigação; o trabalho de campo, a fim de conhecer a dinâmica do território e o registro fotográfico na área. Através desses

⁵ Conforme Veyret (2007, p. 24), *álea* trata-se de um possível acontecimento seja esse de ordem natural, tecnológica, social ou econômica e sua probabilidade de realização.

procedimentos metodológicos, pretende-se identificar as variáveis da dinâmica do território e da sua população habitante, centrando-se no território enquanto unidade espacial, de investigação, de análise e de compreensão das multirrelações da sociedade-natureza, nos territórios do risco e da vulnerabilidade da Vila dos Teimosos na cidade de Campina Grande – PB.

O trabalho está estruturado em quatro seções. Na primeira secção, encontra-se a fundamentação teórica, em que se busca discutir e levantar questões relacionadas aos aspectos epistemológicos da ciência geográfica, apresentando a geografia em tempos de incertezas e questionando o porquê de uma Geografia dos riscos. Na segunda secção tem-se uma abordagem geográfica da relação território-vulnerabilidade, subdividindo-se ainda em concepções de território, a busca de um novo olhar sobre o espaço da sociedade, as dimensões territoriais da vulnerabilidade, a proposta de uma Geografia dos riscos e a problemática das conceituações e significados de “riscos” e “Hazards”. A Terceira e quarta seções trazem os procedimentos metodológicos e o perfil socioeconômico e educacional da população. Os achados desta pesquisa serão apresentados na sequência deste trabalho monográfico.

Espera-se que essa monografia contribua para os estudos que estão sendo desenvolvidos acerca das questões quanto à relação território e vulnerabilidade no âmbito da Vila dos Teimosos à margem direita do Açude de Bodocongó, particularmente às relações inclusivas e excludentes sobre as quais são construídos os territórios e suas vulnerabilidades na percepção dos riscos pela população. Identificar as vulnerabilidades geoambientais e socioeconômicas diagnosticando seus principais indicadores de riscos neste território como fonte para realização de outros estudos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Geografia em tempos de incertezas: por que Geografia dos riscos?

A Geografia se constitui como ciência nos tempos modernos e se estabelece nas bases do positivismo, nos pressupostos teóricos e metodológicos da ciência moderna. Ciência esta que privilegiou fundamentalmente o pensamento lógico, a neutralidade, a objetividade e a busca por certezas, explicações, experimentos, formulações, dados estatísticos e matemáticos que possam comprovar as leis. Acompanhada ao processo de revoluções e transformações sociais, a ciência moderna se integra aos princípios e ideologias da modernidade.

Esse período da modernidade surtiu efeitos significativos no âmbito das ciências e, no caso da Geografia não foi diferente. “Toda a história da ciência moderna é erigida sobre a promessa de certezas, que substituiriam aquelas que o conhecimento tradicional-religioso promovia. A ciência prometia resolver os problemas, controlar e dominar as catástrofes e os fenômenos da natureza, trazendo a segurança total” (SANTOS B., 2000; TOURAINÉ, 1998 *apud* MARANDOLA JR., 2008, p. 17-18). No contexto das transformações da sociedade e da ciência, a busca pela verdade e pelas certezas é presente no pensar e no modo de fazer geografia. Uma ciência que emerge nos embates e transformações dos tempos modernos. Que, ao longo do tempo, vem se apresentando como uma ciência em revolução.

Desde sua gênese está relacionada às problemáticas da sociedade. Sustentada nas bases do positivismo e dos paradigmas deterministas e possibilistas, no rol das “ciências das certezas”, emerge nos tempos da modernidade. E assim, a Geografia vai se constituindo em suas relações teórico-metodológicas, legitimando-se enquanto conhecimento científico funcional ao longo do tempo e das transformações socioespaciais como uma ciência dos riscos, incertezas, descobertas e inovações.

Esse processo de desenvolvimento da Geografia, se comparada às etapas de desenvolvimento do ser humano, se caracterizaria simbolicamente como uma fase de “adolescência científica”⁶, ou seja, como uma fase de crescimento, de descobertas, de busca de uma identidade de si mesma, enquanto ciência da sociedade e das interações do homem com seu espaço. De ciência geral e regional, da paisagem, de ciência nomotética e idiográfica

⁶ “Adolescência científica” expressão elaborada a partir de nossas próprias reflexões quanto ao processo de evolução e desenvolvimento da ciência geográfica.

à ciência do espaço e das relações e organizações socioespaciais. Seguindo assim a Geografia em busca de encontrar o seu lugar entre as ciências humanas, em busca de suas verdades e certezas.

A Geografia tem sido resgatada em diferentes contextos, justamente por sua tradição e tradução espacial na abordagem dos fenômenos e seu tratamento da relação sociedade/natureza da qual já tratada desde os primórdios da sistematização do conhecimento geográfico. Em razão desta realidade, a dimensão espacial dos fenômenos é uma abordagem tradicional na Geografia que ainda é bem atual e tem sido imprescindível para se pensar o espaço do homem e suas formas de organização e ocupação, tanto na própria geografia, quanto nas demais das áreas entre as quais dialogam e interagem dialeticamente com a geografia numa interface geográfica.

Ainda no que concerne ao processo de instituição, sistematização, evolução do pensamento geográfico dos tempos modernos para a modernidade é importante citar, entre os principais teóricos da epistemologia da Geografia, trabalhos científicos e obras, as contribuições de Moreira (2007 e 2009), Moraes (1986), Marandola Jr. (2004, 2005, 2006 e 2008), Christofolletti (1985), Sposito (2004), Harvey (1999), Castro *et al* (2008), Corrêa (2007 e 2011e 2011b), Santos (2008), Gomes (2011), Claval (1999, 2002, 2010 e 2011), Silveira (2008) e Suertegaray (2005), referencias fundamentais a embasar nossa linha de pensamento, reflexão e dissertação, quanto a esse processo de desenvolvimento e renovação epistemológica da ciência geográfica.

Outro aspecto não menos relevante neste contexto de paradigmas da modernidade e dos métodos de análise da Geografia é que estes se estruturaram de modo predominantemente nos pressupostos das certezas e da objetividade, sem haver muito espaço para as questões mais relativas à subjetividade e ao existencialismo das dimensões das relações humanas na estruturação de pesquisas e na construção do saber mais especificamente geográfico. Desse modo, aquele que observa é retirado do centro de sua observação e análise, centrando-se mais e tão-somente nos aspectos mais gerais do objeto de observação. A ciência exige imparcialidade da parte daquele que pesquisa, observa, investiga e analisa os fenômenos da natureza e da sociedade.

Tal procedimento metodológico na Geografia recebeu consideráveis influências de outras ciências, das ditas naturais, e em parte, das teorias e métodos da física e da biologia que trouxeram à Geografia novas perspectivas nas abordagens dos fenômenos socioespaciais, fator que veio a contribuir e a causar efeitos sobre o discurso geografico da modernidade, na

maneira de compreender e interpretar os fenômenos, repercutindo-se também no imaginário, nas construções e nas representações do mundo. Um exemplo a ser considerado deste fato, refere-se à própria teoria do espaço vital de Ratzel, sendo esta fortemente sustentada nos princípios deterministas da geografia tradicional, pelo darwinismo, pelo mundo das interações espaciais ecológicas. Ratzel associa os fatos do mundo natural e das relações etológicas e desloca certos conceitos e interpretações para o contexto das relações humanas de apropriação, domínio e luta de um grupo por seu território, seu espaço vital.

Em relação a esse contexto, em síntese quanto ao conhecimento geográfico e sua construção e desenvolvimento ao longo do tempo, ao se olhar para o passado, ou deter-se ao presente e/ou mesmo em análise quanto às perspectivas futuras, indubitavelmente, torna-se inegável o fato de a Geografia ainda estar em processo contínuo de transformação. A ciência dos tempos atuais de incerteza, de inseguranças e vulnerabilidades e em busca de certezas, de verdades na construção do conhecimento. (ANDRADE, 1987; MENDOÇA & KOZEL, 2002; CLAVAL, 2010 e 2011; GOMES, 2011);

E nessa busca por certezas em tempos de inseguranças e vulnerabilidades, destaca-se também este fato do conhecimento geográfico, através de sua história de embates e revoluções, da geografia tradicional aos desafios da contemporaneidade, revelar ainda resquícios dessa busca por um conhecer preciso e mais exato principalmente quanto à constituição das cartas e mapas, nesse caso, uma verdade estruturada e entendida como uma correspondência com o real. Uma verdade qualificada pelo entendimento de que ela existia e que o trabalho racional e metódico poderia alcançá-la. Fato constante no pensamento ocidental desde os clássicos. E em virtude disto, que a descrição tornou-se imprescindível na construção do saber geográfico.

A incerteza no conhecimento tem papel ambivalente, uma vez que é rejeitada na edificação do conhecimento, por ser um ponto de fragilização do mesmo, por outro lado, as incertezas trazem a motivação ou o incômodo pela busca de mais conhecimento, conduzindo à busca da precisão a se alcançar o conhecimento positivo (MARANDOLA JR, 2008, p. 15).

Ainda no que concerne à busca das certezas e incertezas na construção do saber, num histórico do que foi e do que tem sido a Geografia, ciência moderna, é importante expandir a reflexão quanto às dimensões do viver e do habitar em riscos e incertezas neste contexto atual de modernidade. Faz-se necessário a reflexão sobre o papel que a Geografia desempenha nessa nova conjuntura pós-moderna. Repensar uma Geografia que se interessa pela

investigação, estudo dos riscos na sociedade contemporânea, não excluindo as percepções do indivíduo em seu objeto de observação e análise dos fenômenos.

Ainda neste caso, Costa (2011, p. 65-66) aborda a relação da modernidade/ciência moderna, afirmando que a maioria dos estudos geográficos que fazem referência ao moderno, “insiste em relacionar ou identificar a modernidade à mundialização da economia, à industrialização, à urbanização, à metropolização, entre outras questões ao papel dos transportes e da comunicação”. E, em razão disso, este autor procura esclarecer “a constituição da modernidade de um discurso geográfico dentro da modernidade”. Segundo o qual, “a geografia constitui o discurso da imagem moderna do mundo é válida” (COSTA, Loc. Cit), aliada ao contexto mais social que proporciona o acervo material da descrição geográfica. O que há também a marcha da ciência que condiciona a forma das descrições. Nas palavras de Costa (2011, p. 65 - 66):

A ciência figura sem dúvida no cume da redistribuição de horizontes à qual a modernidade está associada. (...), a constituição da ciência se confunde a tal ponto com o nascimento da modernidade, que é difícil, quiçá impossível, pensar uma sem fazer referência à outra. O pensamento científico moderno é a própria essência da modernidade, sua testemunha mais eloquente. (COSTA, 2011. p. 65-66).

Nesse caso, nota-se que a modernidade e a ciência são coincidentes e inerentes, relacionadas uma à existência da outra. E, ao longo dos séculos, esse movimento de modernidade revolucionou as bases e as estruturas da organização da sociedade, fato este que ainda se encontra em processo contínuo. Assim, ao levar em conta as afirmações de Costa (2011), tudo leva a crer que a gênese da modernidade não se faz registro recente no contexto histórico das ciências sociais. E, nesse sentido, “as mudanças que fundaram a identidade do período dito ‘moderno’ manifestaram-se mais claramente por volta do fim do século XVII e ao longo do século XVIII e são comumente associadas ao que se chama de Século das Luzes”. (Ibidem, p. 53). Aliando-se a esse fato a questão de que a busca pelos novos paradigmas e orientações vieram acompanhada da revisão de antigas posturas:

Renovações teórico-metodológicas e um sentimento de crise constante o que, para a Geografia, não é novidade. Os geógrafos sempre estiveram envolvidos nesses debates, embora em geral um pouco a reboque das outras ciências. A maioria das polêmicas da crise das ciências não atingiu diretamente a Geografia ou seu núcleo fundamental, já que ela nunca teve um lugar axiomático nas classificações das ciências. (MARANDOLA JR, 2008, p. 08-09).

Outro aspecto não menos relevante a se discutir nesse contexto perceptível de repentinas mudanças são as desenfreadas transformações multiescalares que se desenvolvem no cenário global do mundo contemporâneo, no emaranhado de redes de pessoas, serviços e relações na modernidade. Relações estas que se interferem entre si, se imbricam e se confundem contraditoriamente na dinâmica do tempo e do espaço, desencadeando infindáveis reações e impactos na interface social e ambiental da dimensão física, objetiva e existencial-subjetiva da vivência do homem no espaço (no estabelecimento das territorialidades e na territorialização e apropriação do espaço pelo homem).

Todos estes fatos e questões são abrangentes nos mais variáveis aspectos dimensionais e relacionáveis da vida em sociedade nos tempos atuais da condição da vivência moderna dessa sociedade atual, considerada como a sociedade do conhecimento e dos riscos. Nesse sentido, tais considerações apontam à veemente necessidade de se compreender os processos e meandros epistemológicos da ciência geográfica e sua evolução nas abordagens, métodos e estudos geográficos.

Há uma necessidade essencial de um repensar contínuo da Geografia que se faz e tem se produzido nos interstícios dessas relações dinâmicas, desses modos de ocupação e territorialização dos espaços pelas populações. Das interrelações que se estabelecem entre os grupos, seus modos de vida e territorialidades múltiplas e variáveis. Em razão desta realidade apresentada, é imprescindível o questionamento, a discussão e o estudo, o aprofundamento e a investigação criteriosa, da crítica e autocrítica do papel do cientista, em específico, do geógrafo e suas intervenções nessa sociedade de incertezas, de riscos e perigos, inseguranças e vulnerabilidades.

2.2 Território e vulnerabilidade: uma abordagem geográfica

“Os geógrafos dos anos sessenta atribuíram tudo ao espaço. Hoje em dia, eles falam mais comumente de território. Essa mudança reflete em parte os debates epistemológicos internos à geografia. Ela é, sobretudo, testemunha de uma profunda transformação do mundo, e de uma mutação correlata das maneiras de compreendê-lo. Concorrem para isso, o declínio das ideologias de dominante econômica, tão populares durante os “Trinta Gloriosos”, a atenção mais perspicaz dada à maneira pela qual os homens vivem o seu meio e a fragilização das identidades, desencadeada pelo declínio das filosofias da história que serviam para interpretar o mundo. A partir de agora é aos lugares e àquilo que os diferenciam que muitos se referem para dizer o que eles são e em que se distinguem uns dos outros”.

PAUL CLAVAL- O Território na Transição da Pós-modernidade - (1999)

Em razão dessa realidade apresentada por Paul Claval quanto às abordagens dos geógrafos referente ao privilégio que o território tem ganhado na evolução do pensamento e do saber geográfico nessa transição da pós-modernidade, levanta-se questões norteadoras, a saber : Qual a relação entre território e vulnerabilidade na abordagem geográfica dos riscos? O que pode ser entendido como riscos naturais ou sociais? Qual o interesse do estudo dos riscos naturais / sociais em meio urbano? Quais os principais riscos afetam o estado da Paraíba (Campina Grande e a Vila dos Teimosos)? Que percepção ou significado têm as inundações para a vida das populações em Campina Grande? Qual a consciência das pessoas sobre a problemática dos riscos? Qual a importância da Geografia na perspectiva do território enquanto unidade espacial dos riscos?

Considerando tais questões levantadas acima, não temos a pretensão de trazer respostas prontas e bem elaboradas para as mesmas, acredita-se mais na importância de se pensá-las do que necessariamente em formular respostas; em estimular, motivar e despertar continuamente para reflexão e compreensão do espaço como território de ocupação/habitação humana. Neste aspecto, os riscos e as vulnerabilidades são expressões abrangentes e fenômenos onipresentes em todas as dimensões do espaço geográfico e da vida humana presente no planeta Terra.

Os riscos e vulnerabilidades dão vazão a toda uma multiplicidade de abordagem e estudos investigados pelas mais diversas ciências da sociedade. Em vista disso, pensar o território e suas vulnerabilidades e compreender o fenômeno do risco, numa perspectiva geográfica, a história da formação do conceito, as diferentes realidades coexistentes dos

processos teóricos, políticos e sociais na construção e no entendimento do conceito, fazendo-se imprescindíveis tanto no que se refere às múltiplas análises espaciais nas interfaces da sociedade/natureza como em pesquisas científicas diversas.

2.2.1 Concepções de território: A busca do novo olhar sobre o espaço

O estudo das diversas abordagens e concepções do conceito de território como uma das categorias fundamentais da Geografia é indispensável para a formação do geógrafo, bem como para a busca de um novo olhar sobre o espaço da vivência e das relações sociais nas dinâmicas socioespaciais. O conceito de território é um conceito polissêmico como os demais conceitos-chaves da ciência geográfica. Variando de acordo com a corrente de pensamento, conforme a linha de pesquisa seguida de cada autor.

Diversos geógrafos renomados no Brasil realizaram estudos sobre a categoria em questão levantando críticas e discussões acerca do território em suas variadas abordagens geográficas. A exemplo de Marcelo Lopes de Souza, Manuel Correia de Andrade, Rogério Haesbaert, Milton Santos, Eliseu Spósito e Ariovaldo Umbelino de Oliveira, entre outros. Outra referência a ser destacado nesse momento em seus estudos quanto ao conceito de território na ciência geográfica trata-se do geógrafo Marcos Aurélio Saquet, cuja reflexão deste autor traz a ênfase para centralidade que o conceito de território veio a adquirir nos últimos anos e na renovação do pensamento geográfico. Nos últimos anos há novas concepções de território na ciência geográfica, como mostra Saquet (2010, p. 15):

A partir dos anos 1950-70, por outro foco de interpretação, foi possível identificar e caracterizar, em diferentes países, quatro tendências e/ou perspectivas de abordagem do território:

- a) Uma, eminentemente econômica, sob o materialismo histórico e dialético. [...] Se entende o território a partir das relações de produções de das forças produtivas;
- b) Outra, pautada na dimensão geopolítica do território;
- c) Terceira, dando ênfase às dinâmicas políticas e culturais, simbólico-identitária, tratando de representações sociais, centrada na fenomenologia [...]
- d) A última, que ganha força a partir dos anos 1990, voltada às discussões sobre sustentabilidade ambiental e ao desenvolvimento local, tentando articular, ao mesmo tempo, conhecimentos e experiências de maneira interdisciplinar.

É importante se buscar perfazer um resgate das noções e concepções de território na abordagem na Geografia. Como apoio teórico para fundamento científico desta categoria de análise buscar-se-á aporte nos estudos de Saquet (2010). Giuseppe Dematteis em sua

apresentação do livro de Marcos Aurélio Saquet, “Abordagens e Concepções de Território”, justifica o território como uma oportunidade de repensar a Geografia, uma ciência em renovação.

Revela a importância de se buscar constantemente o entendimento e a compreensão do quanto e de como conceitos e categoria na Geografia adquirem novos significados ao longo do tempo, bem como na possibilidade de renovação e redefinição constante dos geógrafos e das questões teórico-metodológicas da Geografia, como em relação “aos problemas colocados pela evolução recente da sociedade humana” (SAQUET, 2010, p. 7). Nesse caso, “raciocinando como geógrafos sobre o conceito de território, podemos entender melhor muitos problemas que a geografia teve como ciência” (SAQUET, Loc. Cit.).

Em relação a isto, continua Giuseppe Dematteis, comentando que “as concepções territorialistas da Geografia mais recente, absorvem e reelaboram as diferentes concepções da Geografia do passado: Como ciência da diferenciação do espaço terrestre, ciência das relações multiescalares entre o físico e a sociedade humana, ciência da paisagem e assim por diante” (SAQUET, Loc. Cit.). Outra questão levantada neste sentido, em Saquet (2010), sobre o entendimento da concepção de território é se poderia haver território sem a presença de seus agentes.

É uma questão que motiva a se pensar o território para além de sua base material, ao simples conjunto de ecossistemas regido por leis naturais, “nem aquele das ciências sociais e políticas mais abstratas, que compreendem o território como simples interação entre atores, privado de relações com a materialidade do ambiente natural e construído”.

É preciso considerar que o conceito de território tem sido usado indiscriminadamente entre áreas de conhecimentos variados e até mesmo no dia-a-dia no linguajar comum das pessoas, tornando-se um tanto banalizado em seus sentidos. Nota-se daí certo reducionismo empregado ao termo, sendo este relacionado mais quanto à materialidade espacial, ao substrato da sociedade em suas relações e nem sempre como a própria relação estabelecida entre agentes sociais estruturantes de um espaço.

Pensar o território em toda a sua complexidade possibilita a reflexão crítica a respeito da questão, bem como quanto à renovação do pensamento geográfico. Geralmente aplicado nas questões de políticas públicas voltadas em termos de delimitação ou recorte de determinada área sendo denominada de “território”. Não obstante, quais seriam os elementos formadores de um território em si? Nesse sentido, diante dessa panaceia conceitual de

expressões, quanto ao termo por diversos profissionais das ciências humanas, o que poderia ser entendido como território? E quais seriam os fundamentos científicos a estruturarem o conceito? Como geógrafos, como entender o território na contemporaneidade? Claude Raffestin é considerado pioneiro na abordagem do território, trazendo a ênfase de sua concepção mais para o aspecto político-social deste conceito. Conforme afirma:

Espaço e território não são termos equivalentes. Por tê-los usado sem critério, os geógrafos criaram grandes confusões em suas análises, ao mesmo tempo em que, justamente por isso, se privam de distinções úteis e necessárias. (...) É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. **O território** se forma a partir do espaço, **é o resultado de uma ação conduzida por um ator** sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. **Ao se apropriar de um espaço**, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), **o ator “territorializa”** o espaço. Lefebvre mostra bem como é o mecanismo para passar do espaço ao território: “Produção de um espaço, o território nacional, espaço físico, balizado, modificado, transformado pelas redes, circuitos e fluxos que aí se instalam: Rodovias, canais, estradas de ferro, circuitos comerciais e bancários, autoestradas e rotas aéreas etc”. O território, nessa perspectiva, é um espaço onde projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a “prisão original”, o território é a prisão que os homens constroem para si. (RAFFESTIN, 1993, p. 143-144, grifo nosso).

Diante de tal concepção é necessário lembrar que o território está além do espaço. Está no contexto das relações sociais estabelecidas no espaço. Realiza-se, o território, a partir das ações dos agentes territorializantes, ativos em determinada unidade espacial. E, ao considerar esta perspectiva, surge outra questão: Haveria território num dado espaço, isso, independentemente das relações humanas? Soma-se ainda a isso a ressalva de Corrêa (2008), quanto ao espaço e conceitos da Geografia, comenta que:

Como toda ciência a Geografia possui conceitos-chaves, capazes de sintetizaram a sua objetivação, isto é, o ângulo específico com que a qual a sociedade é analisada, ângulo que confere à Geografia a sua identidade e a sua autonomia relativa no âmbito das ciências sociais. Como ciência social a Geografia tem como **objeto de estudo a sociedade** que, no entanto, é **objetivada via cinco conceitos-chaves** que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todos **se referem à ação humana modelando a superfície terrestre**: Paisagem, Região, Espaço, Lugar e Território (CORRÊA, 2008, p. 16, grifo nosso).

Essa ideia de Corrêa (2008) em relação aos conceitos geográficos ratifica a afirmação de Raffestin (1993) sobre o território como resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Saquet (2009), por sua vez, apresenta uma reflexão mais abrangente quanto a essa categoria geográfica, os pressupostos teórico-metodológicos de sua gênese e evolução num escala espaço-temporal no âmbito das abordagens da ciência geográfica. Esse autor busca fundamentos e reflexões em

diversos outros geógrafos de nomes bem conhecidos e respeitados no cenário geográfico internacional, um exemplo claro disso aparece em seu artigo, “A Renovação da Geografia: A construção de uma teoria de território e de territorialidade na obra de Jean Gottmann”, publicado em 2009 na Revista da ANPEGE. Em que ressalta, neste aspecto, que na concepção de Jean Gottmann:

O território significa **uma construção social**, através da qual os grupos sociais repartem o mundo politicamente. A soberania é um potente fator que influencia na divisão política enquanto os progressos tecnológicos favorecem, gradualmente, a mobilidade das pessoas e a circulação de mercadorias. As forças políticas e econômicas determinam a repartição (em frações) e o controle do espaço, juntamente com fatores naturais e culturais. **A organização do espaço, como território, dá-se a partir das condições sociais e naturais** para atender a duas funções principais: segurança e oportunidade, conforme já mencionamos; ambas exigem a organização interna do território através da jurisdição e soberania do Estado bem como relações externas, diplomáticas e econômicas (mercado e progresso tecnológico). O território é **uma entidade material, resultado das características psicológicas** (atitudes...) de um grupo social, contendo a contradição basilar entre segurança e oportunidade, controle e descontrole, regulação política e uso econômico como espaço de competição, especialização, fluidez e urbanização (SAQUET, 2009, p. 141, grifo nosso).

Nesse sentido, se o território significa “uma construção social”, certamente, não poderia haver “território” na ausência dos seus agentes sociais, institucionalizados e espacializados a interagirem de maneira intencional, estratégica, seletiva e dinâmica em determinadas porções do espaço. Já, nessa definição, percebe-se a integração entre “as condições sociais e naturais” o entrelaçamento das duas dimensões do território: a materialidade e a subjetividade dos agentes e sistemas hegemônicos a dominarem e a construir seus espaços, territorializando-os.

Isso porque “o conhecimento científico do mundo é acompanhado pelo caráter subjetivo e pelo projeto moral e civil implícito nas suas representações”, denominando-se “territorialidades ativas”, herança da escola regional francesa, entre a sociedade humana e o ambiente material. Ideias essas “antecedidas pela grande revolução epistemológica de Kant e do iluminismo.” E na Geografia Vidaliana, marcada pela influência do evolucionismo darwinista.

Neste sentido, a materialidade do território não se encontra apenas na sua percepção e descrição mais banal e superficial, como pensado nos séculos passados por intermédio de uma Geografia acrítica e pouco reflexiva derivada do positivismo. Em contraposição a essa ideia, “a materialidade do território, se expressa mais nas relações intersubjetivas, derivadas, em última instância, da necessidade de produzir e de viver que, ligando os sujeitos humanos à

materialidade do ambiente, provoca interações entre si, como membro de uma sociedade”. Dessa forma, conteúdo, meio e processo das relações sociais, substantivam o território.

Além de Jean Gottmann e Marcos Aurélio Saquet aduz ainda outros autores já consagrados, que possuem tradição nas pesquisas e estudos territoriais como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Henri Lefebvre, Friedrich Ratzel, David Harvey, Robert Sack, Edward Soja, entre outros. Diferentes abordagens e contribuições são imprescindíveis tanto na formação profissional do geógrafo quanto nos aspectos referentes à epistemologia da Geografia. É importante salientar que, entre inúmeras abordagens e concepções, conceitua Marcos Aurélio Saquet:

O território é natureza e sociedade: não há separação; é economia, política e cultura; edificações e relações sociais; des-continuidades; conexão e redes; domínio e subordinação; degradação e proteção ambiente, etc.. Em outras palavras, **o território significa heterogeneidade e traços comuns; apropriação e dominação historicamente condicionadas**; é produto e condição histórica e trans-escalar; com múltiplas variáveis, determinações, relações e unidade. É espaço de moradia, de produção, de serviços, de mobilidade, de des-organização, de arte, de sonhos, enfim, de vida (objetiva e subjetivamente). O território é processual e relacional, (i)material, com diversidade e unidade, concomitantemente (SAQUET, 2006, p. 83, grifo nosso).

Assim, nesta concepção, o autor vislumbra o território em suas dimensões políticas, econômicas e culturais, sendo o território produzido pelas relações sociais de poder articuladas entre um elo de pessoas e seu espaço inter-relacional, abordando a natureza como parte integrante e indissociável do território.

2.2.2 As dimensões territoriais da Vulnerabilidade

O conceito de vulnerabilidade compreende tanto a população exposta quanto o valor dos bens afetados e, sobretudo, as características da sociedade e do território que determinam a vulnerabilidade social.

A vida social cotidiana, na contemporaneidade e em todos os tempos presente na história, perpassa pelas múltiplas dinâmicas e dimensões territoriais, temporais e de riscos e perigos e vulnerabilidades.

Eventos de diferentes naturezas, intensidades e conseqüências reforçam esta percepção e se fazem presente na história e nas transformações do ecúmeno. As ciências, de uma maneira geral, e a Geografia, em particular, vêm buscando compreender e estudar as vulnerabilidades e os riscos inerentes à sociedade moderna.

Ao analisar-se a distribuição socioespacial das vítimas mundiais de catástrofes naturais no período 1973-2002, tornam-se claras as diversas diferenças, no que diz respeito às conseqüências, entre os estados de pobreza dos países afetados. Os países mais pobres, ou seja, aqueles com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) inferior a 0,8 (= México) registraram neste período 96% dos óbitos relativos a fenômenos naturais. Tal fato explicita que a pobreza é, indiscutivelmente, uma das causas mais profundas da vulnerabilidade (LEONE e VINET, 2006)

O crescimento das desigualdades sociais, da pobreza, da segregação socioespacial advinda com o trinômio capitalismo – industrialização – urbanização, em correlação com a conseqüente degradação do ambiente nas suas diversas facetas, fez surgir em meados dos anos 1980 uma abordagem teórico-metodológica que procurou enfatizar os desastres (naturais ou tecnológicos) do ponto de vista não apenas de seus fatores físicos desencadeantes, mas com base no prisma das populações atingidas. Até a década de 1970, a primazia das pesquisas sobre riscos se assentava sobre a análise dos perigos e ameaças naturais (os chamados “natural hazards”), cujos trabalhos procuravam respostas técnicas a situações ou problemas práticos do cotidiano (como visto anteriormente) (ALMEIDA, 2011, p. 88).

Há necessidade de melhor compreender as relações sociais na instância de novos arranjos espaciais em diversas escalas e acrescente-se ainda, que, a presença da incerteza como elemento fundamental do processo. Busca-se aqui apresentar e discutir as acepções e conceitos de vulnerabilidade e suas relações com a categoria geográfica do território na abordagem dos riscos, a partir dos seguintes autores: Teles (2010), Veyret (2007), Ferreira (*et al*, 2008), Mendonça (2011), García Tornel (1997) e Nobrega (2001).

Na maioria dos casos, a população mais desvalida socialmente geralmente vive em territórios mais vulneráveis, nos quais investem seus ínfimos recursos na construção de suas casas, em espaços socialmente marginalizados com altos índices de vulnerabilidade, isto é, locais vulneráveis a inundações ou a qualquer outro afeito de uma *álea*. Neste sentido, como

podem ser compreendidas as dimensões territoriais da vulnerabilidade? E qual a noção de vulnerabilidade? A noção de vulnerabilidade que se busca utilizar é a proposta por Teles (2010, p.56),

Para além de uma componente espacial, que marca a chamada “vulnerabilidade territorial” (distribuição espacial de populações, bens materiais, equipamentos e infraestruturas, sistemas económicos, sistemas ambientais), tem também uma dimensão temporal incorporada, que se articula, por um lado com a diferente utilização do território em função do tempo, mas também e, sobretudo com o tempo que demora retornar às condições iniciais perturbadas.

Em relação a isto, Teles (2010, p. 56 - 57) disserta ainda que, “o grau de desenvolvimento da sociedade, é a sua sobrevivência (em termos de modo de vida) que está em jogo e não apenas o número de vidas humanas e o valor dos bens atingidos”. Lembra que “os grupos sociais considerados mais vulneráveis são os que têm maior dificuldade e demoram mais tempo a reconstruir e reorganizar as suas vidas após o acidente grave”.

Outro aspecto muito difundido dessa concepção se faz presente nas argumentações e estudos de Veyret (2007) quanto à vulnerabilidade, seus desafios e complexidades. O que significa no dizer da geógrafa que “a ocorrência da álea tem consequências para as populações e os bens, seus efeitos podem afetar mais ou menos fortemente o funcionamento das sociedades e dos ecossistemas” (VEYRET, 2007, p. 38).

Nesse sentido, define como alvos os elementos que estão sob a ameaça de áleas de natureza variada (natural, tecnológica, social, económica e política): “pode tratar-se de populações, de elementos analisáveis em termos económicos (vias de comunicações, fabricas...), ou de alvos ambientais (parques naturais, locais excepcionais...)” (Ibidem, p. 39).

Entre outros aspectos, como retrata Yvette Veyret, “a vulnerabilidade pode ser compartilhada por um grupo social (probabilidade anual de um conjunto de indivíduo ser morto em razão do mesmo acontecimento)”, resume, “ela é, então, função, grande medida, da distribuição da população em torno do local de risco” (VEYRET, 2007, *passim*).

Convém salientar que, como mostra esta geógrafa, há também outras maneiras de traduzir a vulnerabilidade, como em determinação dos danos máximos em função de diversos usos do solo e dos tipos de construções: “em caso de inundação, uma casa construída com um entressolho não apresenta o mesmo grau de vulnerabilidade que uma construção sem essa arquitetura, cujo andar térreo habitado estará inteiramente exposto à álea” (VEYRET, *Loc. Cit.*).

Considera ser indispensável estabelecer níveis de vulnerabilidade que definam a ocupação do solo e o nível de vulnerabilidade relativo a cada tipo de uso. Além desses, há outros aspectos, apresentados por García Tornel (1997) quanto à perspectiva dos riscos e vulnerabilidades na experiência da vivência social:

A los efectos de estas consideraciones, vulnerabilidad es el grado de eficacia de un grupo social determinado para adecuar su organización frente a aquellos cambios en el medio natural que incorporan riesgo. La vulnerabilidad aumenta en relación directa con la incapacidad del grupo humano para adaptarse al cambio, y determina la intensidad de los daños que puede producir. El concepto de vulnerabilidad es, por tanto, estrictamente de carácter social. La vulnerabilidad se manifiesta como un conjunto de factores en interacción que convergen en un grupo humano particular. Tiene como resultado diversos grados de incapacidad para responder ante la presencia de un riesgo determinado y sus causas son tanto internas como externas al grupo. De forma esquemática vamos a esbozar estos factores describiéndolos por separado, aunque conviene insistir en que no actúan así en la realidad, sino combinados y en íntima interdependencia (GARCÍA TORNEL, 1997, p. 04).

Nessa abordagem, percebe-se uma maior aproximação da ideia de vulnerabilidade com as dimensões territoriais das relações subjetivas da experiência quotidiana e existencial da vida humana. Muito embora, como discorre este autor as análises das vulnerabilidades e dos riscos e danos sociais são multidimensionais. Outro dado relevante aduz Ferreira (2007, 2008), é relativo à vulnerabilidade ambiental conforme o método adaptado de Rocha (1997) em que a vulnerabilidade pode ser calculada matematicamente numa função, no qual a vulnerabilidade ambiental é calculada pela equação: $V = ax + b$. Onde:

V = vulnerabilidade variando de zero (nula) até 100 (máxima);

a e b = constantes para cada Fator;

χ = valor significativo encontrado:

Ao levar em consideração esta perspectiva, é importante situar nesta abordagem que:

Um grau de perda para um dado elemento ou grupo de elementos dentro de uma área afetada pelo processo considerado. Ela é expressa de 0 (sem perda) e 100 (perda total). Para propriedades, a perda será o valor da edificação; para pessoas ela será a probabilidade de que uma vida seja perdida, em um determinado grupo humano que pode ser afetado pelo processo considerado.

Não se pode deixar de destacar as diferenças de abordagem entre os estudos sobre vulnerabilidade social e aqueles a respeito da vulnerabilidade ambiental. Na literatura mais sociológica sobre o tema, a vulnerabilidade social é analisada em relação a indivíduos, famílias ou grupos sociais. **Já na geografia e nos estudos sobre riscos e desastres naturais, a vulnerabilidade ambiental tem sido discutida em termos territoriais (regiões, ecossistemas)**. Portanto, esta disparidade entre as duas tradições de estudos sobre vulnerabilidade, em termos de

escala e de tipo de objeto de análise, deve ser considerada na construção da noção de vulnerabilidade sócio-ambiental, que as duas dimensões – a social e a ambiental (CLEBER, 2005; MOSER, 1999; KAZTMAN *et al.*, 1999; CUTTER, 1994; 1996; *apud* FERREIRA, 2007, p. 30, grifo nosso).

Baseado nesse contexto, destaca-se consoante (TORRES *et al.*, 2003 *apud* FERREIRA, 2007, p. 30-31), a dimensionalidade territorial nos estudos geográficos dos riscos e vulnerabilidades. E em face às diferenças de escala e unidade de análise, que podem ser utilizadas na determinação da vulnerabilidade, surgem de certo modo limitações a serem consideradas na operacionalização empírica da vulnerabilidade sócio-ambiental, enquanto categoria analítica que possibilita expressar “fenômenos de interação e cumulatividade entre situações de risco e degradação ambiental (vulnerabilidade ambiental) e situações de pobreza e privação social (vulnerabilidade social)”, não ignorando as limitações empíricas para operacionalização destas categorias de análises. Assim, há toda uma complexidade quanto às definições e metodologias nas abordagens dos riscos e/ou das vulnerabilidades de naturezas diversas.

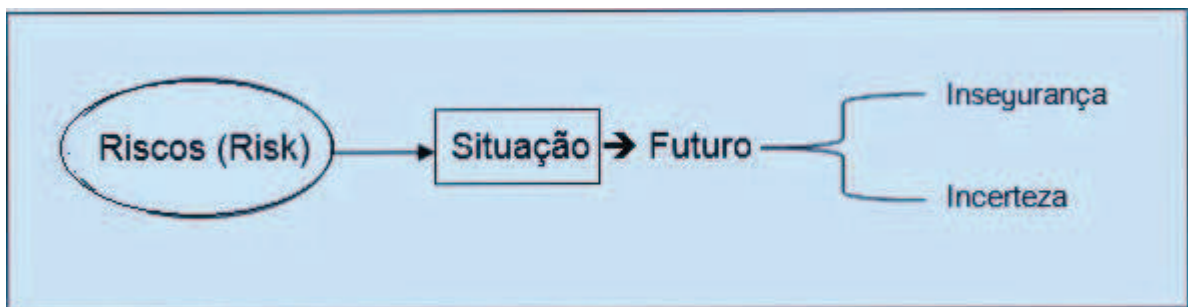
Diretamente, como esclarece Mendonça (2011, p. 114), as vulnerabilidades socioambientais urbanas, estão associadas aos riscos, a uma série de contingências sociais, políticas, econômicas, culturais, tecnológicas e explicitam diferentes condições de exposição e de fragilidade de grupos sociais aos riscos, ou melhor, “a vulnerabilidade socioambiental urbana evidencia a heterogeneidade dos impactos advindos dos riscos que se abatem sobre uma dada população, constituindo ambos – risco e vulnerabilidade socioambiental urbana - uma seara de alta complexidade para a compreensão e gestão urbana”.

2.2.3 Por uma geografia dos riscos: A problemática em questão

Qual a abordagem da Geografia no estudo dos riscos? E o que é “o risco”, afinal? De início, falaremos sobre os termos “risco” e “perigo” nos estudos dos geógrafos. A problemática apresenta-se primeiramente quanto à definição e significado destes termos, que atualmente vêm tomando vasta proporção entre as Ciências Humanas, das Exatas e da Terra e afins, entre outros campos e ramificações do saber científico. O vocábulo “risco” mais frequentemente tem sido derivado da tradução da palavra inglesa “hazard”, que, em algumas passagens da literatura específica dessa linha de pesquisa, tem sido apresentada como sinônimo também de “perigos”. Fato que gera certa confusão em questões conceituais e nas definições ambos.

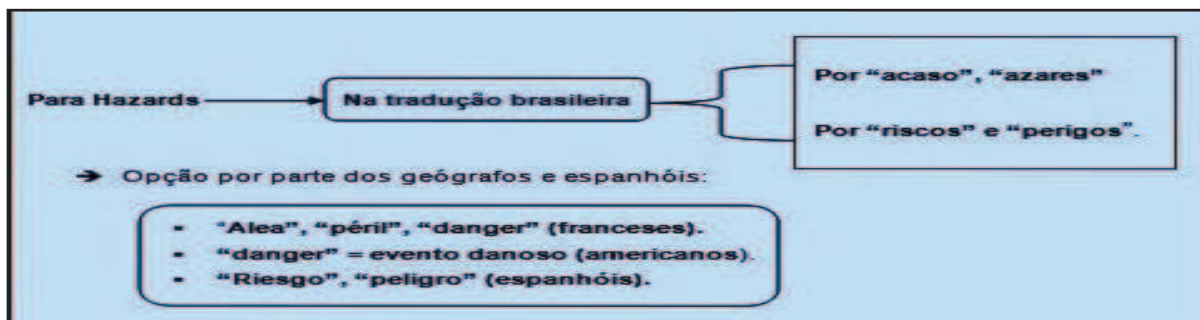
Nos estudos sobre o “natural hazard”, a argentina Susana De Aneas Castro trata a questão num esforço de dialogar e distinguir as diferenças particulares que há entre os significados de “riscos” e “perigos” derivados a partir do “Natural Hazards⁷”. Nos estudos geográficos, a abordagem da problemática dos riscos já possui uma tradição, uma linha de pesquisa adotada pelos mais conceituados geógrafos americanos e europeus, desde a década de 1920. Os termos “riscos e perigos” apresentam polissemia entre as línguas inglesas, espanhola, francesa e portuguesa entre outras. Com base nos esclarecimentos a partir de Marandola Jr e Hogan (2004), construímos os esquemas de definições dos termos “Risco” e “Hazard” a seguir nas ilustrações 01 e 02 e 03 e na sequência o quadro conceitual das terminologias e definições (Cf. O quadro 01) proposto por Veyret (2007):

Ilustração 01. Esquema de definição do significado de “Risco”.



Elaborado por Maria Ester de Souza.

Ilustração 02. Esquema de definição do significado de “Hazard”.



Elaborado por Maria Ester de Souza.

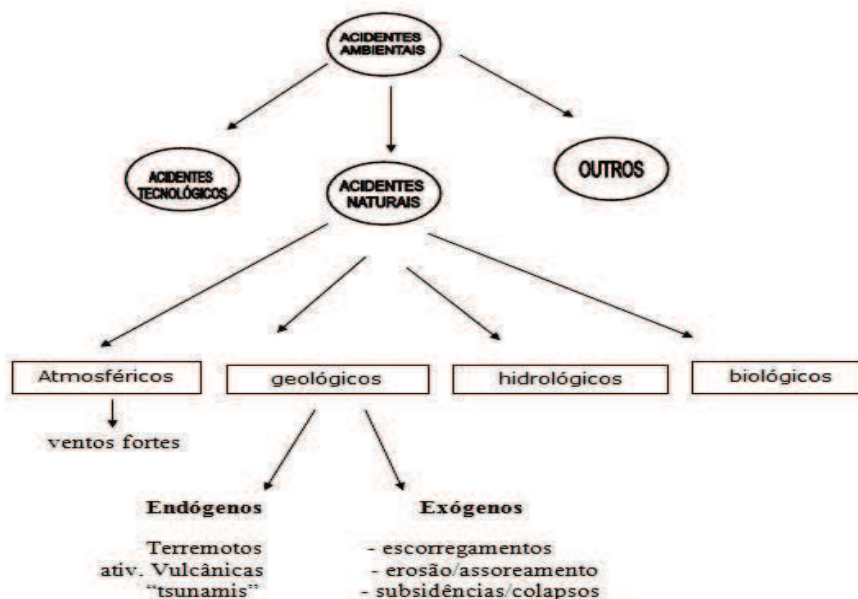
⁷ “Natural Hazard”. Essa expressão inglesa tem sido traduzida variadamente (como “Acaso”, “acidente”, “risco”, “azar”, e “perigo”) na língua portuguesa. Não havendo, de certa forma, um consenso entre os autores e tradutores. Fato que vem a causar desacordo conceitual entre os teóricos da temática. A geógrafa francesa Yvette Veyret (2007), em sua obra, traduzida para o português, “Os riscos”, a expressa como “*Álea*”. Para Marandola Jr., (2008), “*Álea* está associada mais a *risco* do que a *hazard*, ligada a jogo de dados, onde se ganha e se perde, e à aleatoriedade, ou seja, é uma expressão neutra, enquanto *hazard* é claramente um evento negativo, que causa dano” (BURTON, KATES E WHITE, 1978; KATES, 1978 *apud* MARANDOLA JR., 2008, p. 36).

Quadro 01. Concepções e terminologias.

Do risco à catástrofe: algumas definições	
Risco	Percepção de um perigo possível, mais ou menos previsível por um grupo social ou por um indivíduo que tenha sido exposto a ele.
Incerteza	Esse termo define a possibilidade de ocorrer um acontecimento perigoso sem que se conheça sua probabilidade.
Indeterminação	Trata-se da situação em que um acontecimento desconhecido poderia acontecer. É, por exemplo, a situação de um homem de negócio que investe em uma inovação tecnológica sem avaliar todas as implicações de sua decisão.
Álea	Acontecimento possível; pode ser um processo natural, tecnológico, social, econômico, e sua probabilidade de realização. Se vários acontecimentos são possíveis, fala-se de um conjunto de áleas.
Perigo	Esse termo é, às vezes, empregado também como para se definir as consequências objetivas de uma álea sobre um indivíduo, um grupo de indivíduo, sobre a organização do território ou sobre o meio ambiente. Fato potencial e objetivo.
Cindínica (do grego kindunos, perigo).	Termo empregado a partir dos anos de 1980 por Kerven. Designa uma abordagem do risco que se pretende multidisciplinar e sistêmica.
Alvo	Elementos ou sistemas que estão sob a ameaça de áleas de natureza variada. Os alvos são pessoas, bens, equipamentos, meio ambientes. Ameaçados pela álea, esses diferentes elementos são suscetíveis de sofrer danos e prejuízos.
Vulnerabilidade	Magnitude do impacto previsível de uma álea sobre os alvos. A vulnerabilidade mede os impactos danosos do acontecimento sobre os alvos afetados. A vulnerabilidade pode ser humana, socioeconômica e ambiental.
Crise	Realização concreta, material de uma álea cuja amplitude excede a capacidade de gestão espontânea da sociedade que sofre esse evento.
Catástrofe (do grego katastrophé, devastação).	A catástrofe é definida em função da amplitude das perdas causadas às pessoas e aos bens. Não há necessariamente correlação entre a importância de uma álea e a magnitude dos danos.

Fonte: Veyret, (2007, p. 24).

Ilustração 03. Classificação dos acidentes ambientais.



Fonte: Nóbrega (2001, p. 61).

Diante de tal concepção, é necessário lembrar que o risco está mais para um fator probabilístico independente de ser ou não quantificável. E “o Hazard” está para um evento danoso que oferece perigo, ou ameaça. Em Aneas de Castro (2000), define-se “risco” como a probabilidade de realização de um perigo, já quanto ao “desastre” refere-se como o resultado de um perigo advindo de um risco. Nesse sentido, “não há perigo sem risco, nem risco sem perigo” (Op. Cit, p. 103). E acrescenta-se ainda que em Lavel (1996 *apud* FERREIRA, 2007, p. 25-31), o risco é validado pela seguinte equação matemática: $R = A \times V$, explica-se então, que:

O Risco (R) é uma condição latente ou potencial, e seu grau depende da intensidade provável da ameaça (A) e dos níveis de vulnerabilidade (V) existente. Do mesmo modo, a vulnerabilidade é uma expressão de desequilíbrio entre a estrutura social e o meio físico - construído e natural. A vulnerabilidade, então, não pode ter um valor absoluto, dependendo do tipo e intensidade da ameaça. O grau de risco é sempre em função da magnitude da ameaça e da vulnerabilidade.

É preciso considerar também a elucidação a partir de Veyret (2007), que, consciente da complexidade declara com propriedade que o risco é:

Uma construção social. A percepção que os atores têm de algo que representa um perigo para eles próprios, para os outros e seus bens, contribui **para construir o risco que não depende unicamente de fatos ou processos objetivos**. Nada de espantoso, ainda que o risco, tal como acabamos de defini-lo não exista em todas as culturas. Pelletier mostra, por exemplo, que essa noção, no modo como ela é concebida na França, não existe no Japão. Viver equivale a assumir o risco de morrer de doença, de acidente ao sair de casa ou em qualquer outra ocasião. Os fatores de risco são numerosos, podem ser processos naturais (terremotos, ciclone...) ou consequência das atividades humanas: agricultura (poluição, erosão...), indústria (poluição, explosão, incêndio), transporte. (...) As migrações, o crescimento urbano, as desigualdades sociais, fazem nascer os riscos sociais: insegurança, violência urbana. (...) os diferentes fatores de risco evocados interagem uns com os outros, de forma que alguns pertencem simultaneamente a várias categorias (VEYRET, 2007, p. 23, grifo nosso).

É importante destacar nestas declarações de Veyret, que o fato do risco ser uma construção da sociedade e só existe em função da mesma. Sendo intrinsecamente um fenômeno variável multiescalar e transdimensional variando conforme o tempo, o espaço, sem desprezar os aspectos culturais e subjetivos de determinada população alvo. Isto significa dizer que não pode haver risco sem a presença de uma população vulnerável ou a sofrer a ameaça deste. Representa a “percepção que os atores têm de algo que representa um perigo para eles próprios”, fato que revela também o aspecto fenomenológico do risco. E, nesses aspectos, são complexos tal quanto à própria subjetividade dos atores alvos. Dessa forma, os

fatores de riscos são diversos e distintos, se imbricam de forma que uns interagem com outros e, ao mesmo tempo, organizam variadamente em categorias simultâneas.

Voltando às concepções iniciais, percebe-se o quanto é essencial para geógrafo o estudo dos riscos, a tradução espacial dos eventos e fenômenos do espaço. O estudo sobre os riscos e vulnerabilidades, numa abordagem geográfica, destaca-se por sua preocupação em integrar simultaneamente os fatores de ordem natural e social, numa interface da sociedade/natureza, dessa relação população/ambiente e suas consequências que tende a influenciar tanto na qualidade de vida dos agentes sociais quanto nas espacialidades rurais ou urbanas.

Deve-se salientar que parte dos riscos estão inseridos no contexto geográfico, no âmago das relações sociedade/natureza, homem/meio, população/ambiente/território, aspectos estes fundantes da abordagem socioambiental. Portanto, para haver uma intervenção e/ou gestão de determinado território há necessidade de se compreender as múltiplas relações estabelecidas entre o homem e o meio no qual este se insere em suas relações de apropriação do espaço, vivência e territorialidades.

3. METODOLOGIA

A metodologia aplicada foi a teórico-bibliográfica (documentos virtuais e impressos, livros, artigos, dissertações e teses), uma pesquisa exploratória, trabalho quali-quantitativo sobre os fatores de vulnerabilidades do qual se partiu de uma revisão de literatura com análise interpretativa, problematização e síntese. E, em seguida, foi realizado o processo de visita domiciliar para aplicação de questionário e entrevistas (Levantamento socioeconômico e educacional) com os moradores da Vila dos Teimosos de Campina Grande-PB, área de risco resultante de invasões clandestinas e ilegais. As entrevistas foram realizadas durante os meses de Agosto a Setembro de 2011, na área citada, onde foram realizadas visitas às residências e a coleta de dados de 50 famílias que correspondem a 203 pessoas investigadas.

3.2. Em Justificativa da escolha territorial - Vila dos Teimosos - Campina Grande-PB: Aspectos gerais de sua individualidade.

O interesse em estudar o território de ocupação da Vila dos Teimosos surgiu a partir do Programa de Iniciação Científica da Universidade Estadual na Paraíba–UEPB, (2011-2012), através de um projeto intitulado, de “A Geografia do Risco nos Territórios da Corporeidade na Vila dos Teimosos de Campina Grande–PB”. Em virtude disto, foi viabilizado o acesso à área e os contatos locais. A Vila dos Teimosos, justifica-se também pelas agravantes das condições de moradia nas cidades brasileiras. Entre os demais fatores, por uma lógica de especulação do mercado capitalista no setor imobiliário, que estabelece relações exclusivas e excludentes privilegiando a classe das elites com áreas bem localizadas e dotadas de infraestrutura nas cidades em detrimento das populações mais desvalidas socialmente.

Fato este que pode “favorecer” aqueles marginalizados do sistema e das condições adequadas de habitação a territorializarem outros espaços, das áreas periféricas, áreas segregadas da cidade. Ou, quando menos, são direcionadas às áreas pouco atrativas do ponto de vista geográfico que são, mais frequentemente, áreas irregulares, locais de encostas, lugares em que a topografias e as condições físicas e ambientais são desfavoráveis ou inadequadas a serem ocupadas pelas pessoas.

Esta realidade é um fato bem presente na Vila dos Teimosos, muito embora, esta, esteja bem localizada do ponto de vista geográfico, numa área que exerce certa influência e desperta interesses pelos diversos agentes constituintes no processo de formação socioespacial de Campina Grande. Contraditoriamente, essas adjacências do Açude de Bodocongó, onde

está localizada a Vila dos Teimosos, conforme a figura 01, em um território de vulnerabilidades e riscos, mas que, ao mesmo tempo, desperta interesses e atrativos do ponto de vista geográfico a atrair e manter a comunidade arraigada, como atitude de luta e resistência a se manter naquele espaço.

Pode ser considerada como um território de interesses múltiplos que, embora apresente um perfil de alta vulnerabilidade, tem sido um espaço em processo de valorização contínua, uma vez que há fatores e agentes constituintes deste espaço a ser destacados, como um espaço interacadêmico e de especulação do mercado imobiliário, do qual ocorrem diversas relações sociabilidade e territorialidades, não excluindo ainda os impactos causados pela ocupação do território à margem do açude.

Conforme Araújo (2006) citado por Ferreira (2007) estima-se haver em Campina Grande, PB, aproximadamente 120.000 pessoas (1/3) da população habitando distributivamente em 25 favelas. “As maiorias dessas comunidades estão estabelecidas em áreas impróprias para assentamento, como encostas íngremes e morros já submetidos aos desgastes provocados pela atividade e ocupação humana desordenada”. Tal fator, a parcial ou completa indisponibilidade de serviços públicos (coleta de lixo, esgotamento sanitário, fornecimento de água entre outros), vem a expandir gradativamente o processo de degradação do meio ambiente, bem como o risco e desastres e outras consequências, pelas quais afetam a qualidade de vida dos cidadãos.

Neste aspecto, a área ocupada pela comunidade da Vila dos Teimosos, é um território de múltiplos interesses e relações inclusivas e excludentes. Encontra-se localizada espacialmente às proximidades de uma área de inundação, nas adjacências do Açude de Bodocongó em Campina Grande-PB. Este açude, outrora, foi muito importante em questões econômicas e de sobrevivência da população (famílias, pescadores, criadores de animais, lavadores de veículos) que procurava tirar proveito ou complementar a renda familiar por intermédio da exploração do manancial da água.

Tais atividades vieram a causar impactos no ambiente, degradação gradual das águas do Açude, poluições e risco aos moradores próximos às margens. Mas ainda nos dias atuais, e em detrimento da poluição e degradação das águas há ainda pessoas que continuam a realizar essas atividades no Açude de Bodocongó. Fato que leva a se refletir quanto à percepção dos riscos pela comunidade. Uma área crítica de investigação que evoca termos como “ocupação inadequada do uso do solo” e “riscos”. As conotações são explicitamente físico-naturais e

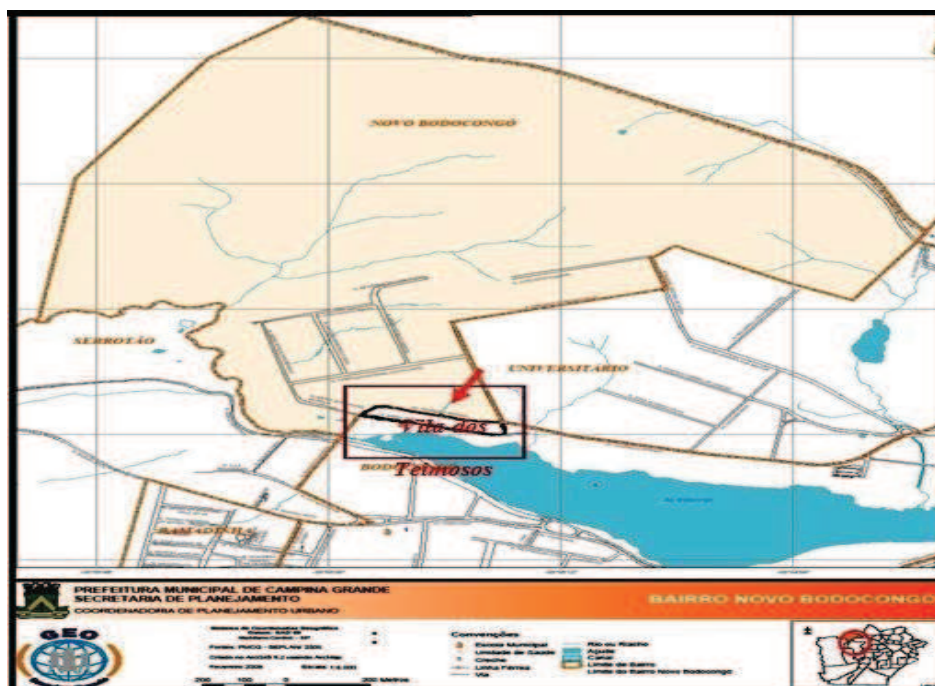
sociais, alicerçadas pela interação contínua e permanente dos processos naturais, circunstâncias políticas e sociais (NOBREGA, 2001, p. 7-8).

Em decorrência dessa realidade, o modo de ocupação e crescimento urbano se repercute na problemática de degradação da área e territorialidade da vivência população. Fato este que se reflete na forma de sobrevivência, nas demandas e necessidades, carências, más condições educacionais, habitacionais e de saúde, o que é bem uma realidade presente nas condições de habitação no território da Vila dos Teimosos.

Como mostra a figura 01, que busca ilustrar a organização espacial da cidade, a Vila se encontra inserida nas intermediações da zona oeste da cidade de Campina Grande-PB, entre as fronteiras dos bairros de Bodocongó, Universitário e Novo Bodocongó, entre os demais circunvizinhos: Tais como o bairro do Araxá, da Ramadinha, do Pedregal e Serrotão.

Resultante de um processo de invasão clandestina, a comunidade denominada de “Vila dos Teimosos” se apropria territorializando de forma irregular às margens do Açude de Bodocongó, no começo da década de 1980, conforme relatam oralmente os moradores, entre outros pesquisadores da área, tais como (FERREIRA & VELOSO, 2008). O que a partir de então veio a desencadear os processos, reações e impactos ambientais na área de drenagem do Açude e da cobertura da vegetação local. Segue a figura 01:

Figura 01. Representação do recorte espacial da ocupação da Vila dos Teimosos.



Fonte: Adaptado por Maria Ester de Souza de (SEPLAN, 2005).
Bairro Novo Bodocongó em Campina Grande-PB.

3.3 Aspectos fundamentais de sua gênese (da ocupação do território)

Quanto ao processo de ocupação, gêneses e o surgimento da Vila dos Teimosos, em termos de referências bibliográficas, a retratar a questão do ponto de vista histórico, notou-se certa escassez de registros e artigos escritos, salvo o trabalho de Ferreira & Veloso (2008) em que os aspectos históricos são resgatados majoritariamente a partir dos moradores mais antigos, que através da oralidade, relatam, relembram e contam suas histórias.

Conta-se que a “Vila dos Teimosos” recebeu este nome em razão justamente de sua teimosia e resistência de permanecer no local, em razão desta realidade, inspirou a criação de um poema escrito por Ronaldo Cunha Lima fazendo alusão ao termo: “teimosos” ou Vila dos Teimosos, que veio a ser uma apologia à resistência desta população em permanecer no espaço.

A história dos antigos moradores em seus relatos orais é uma marcada pela resistência, a polícia vinha e derrubava as casas e a noite os moradores reconstruíam incansavelmente quantas vezes foram derrubadas e pela insistência do sonho da casa própria, os próprios moradores escolheram o codinome de Vila dos Teimosos até o dia de hoje (Cf. FERREIRA & VELOSO, 2008, p. 06).

Este processo de ocupação, contou com o apoio e a participação de várias pessoas de influência da cidade, como entre professores e políticos, entre os quais a pedagoga Claudia Nascimento (2011/2012), trazendo pesquisa numa abordagem mais educacional da população, enfatizando os esforços empreendidos por parte de um casal de professores universitários da (UEPB/UFCG): Nely de Lima e Melo e Luís Gonzaga de Melo (o professor Melo), no apoio quanto à ocupação e efetivação da Vila.

Referente ao território de ocupação desta comunidade às margens do Açude de Bodocongó, há , ainda, outros estudos pertinentes a ser mencionados, tais como os de Nóbrega (2001), Carvalho (2007), Carvalho *et al* (2009), Costa (2011) e Pereira (2012).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Os Riscos no Estado da Paraíba

O Estado da Paraíba, a exemplo de outros estados brasileiros, é composto por diferentes espaços geográficos característicos, distintos e contraditórios entre si. Conforme o Atlas Brasileiro de Desastres Naturais (CEPED/UFSC, 2011), 98% dos 223 municípios foram atingidos por alguns tipos de evento, ao longo dos últimos 20 anos. O espaço paraibano em seus 223 municípios estão distribuídos e regionalizados em 4 (quatro) mesorregiões e 23 (vinte e três) microrregiões, cada qual possui respectiva diversidade no que se trata quanto aos aspectos físicos e socioculturais. Põe-se em destaque a localização destes fenômenos nas porções centrais leste na figura de representação espacial da Paraíba (*Cf.* figura 02).

Apesar de suas potencialidades, o Estado possui um contexto de vulnerabilidade socioambiental, o que se reflete na vivência e no dia-a-dia da população que habita nos territórios vulneráveis aos riscos. Em relação a esse fato, a Secretaria Nacional de Defesa civil em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina, realizou um trabalho de pesquisa sobre os desastres naturais no Brasil⁸, cujo objetivo foi compilar e disponibilizar informações sobre os registros de desastres ocorridos em todo o território nacional dos últimos 20 anos, isto é, de 1991 a 2010.

E em relação ao Estado da Paraíba⁹, realizou-se um diagnóstico sobre os principais eventos a causar danos à população paraibana nessa escala temporal. No qual foi registrado as respectivas consequências desastrosas causadas mediante a vulnerabilidade desta população diante da problemática das estiagens e secas, das inundações bruscas e graduais, erosão marinha e vendaval, alguns deles recorrentes em um mesmo ano (CEPED/UFSC, 2011, p. 49).

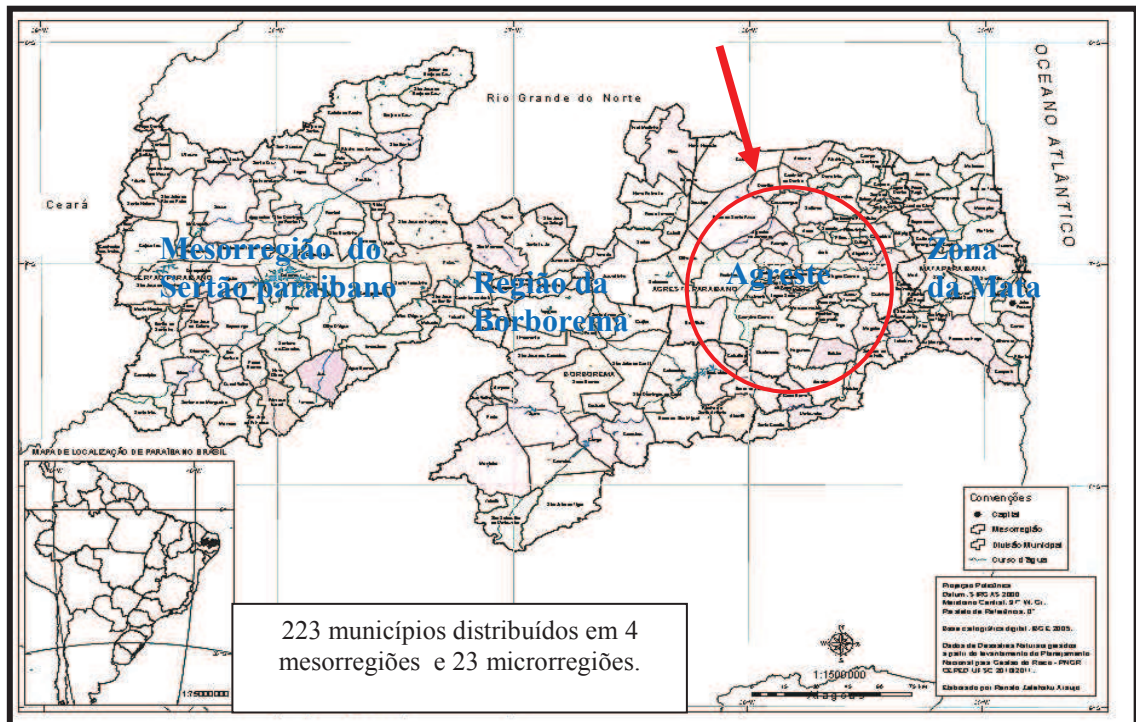
Outro dado relevante é que o maior número de ocorrências se apresenta na porção central a leste do estado (*Cf.* figura 2, representação espacial do Estado), com registros de 13 a

⁸ Castro (2007) conceitua “desastre” como sendo resultado de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem, sobre um ecossistema vulnerável, causando danos humanos, materiais e ambientais e consequentes prejuízos econômicos e sociais. A intensidade de um desastre depende da interação entre a magnitude do evento adverso e a vulnerabilidade do sistema ou corpo receptor e é quantificado em função dos danos e dos prejuízos. A grandeza de um desastre é medida em termos de intensidade, enquanto que a grandeza do evento adverso que o provocou é medida em termos de magnitude.(CASTRO, 2007, p.12).

⁹ *Cf.* Trabalho de Melo *et al* 2008, quanto às questões relacionadas aos riscos no Estado da Paraíba.

16 eventos. É o caso de Boa Vista, Campina Grande, Poço das Antas, Soledade, Esperança, Remígio, Parari, Santo André, Salgadinho, Assunção, Livramento, São José dos Cordeiros, Santa Luzia, Barra de Santana, Alcantil, Itabaiana, Baraúna, Cuité, Frei Martinho, Uiraúna, dentre outros, que se localizam nas mesorregiões do Sertão Paraibano, Agreste Paraibano e Borborema.

Figura 02. Representação espacial do Estado da Paraíba.



Fonte: Adaptado por Maria Ester de Souza do Atlas Brasileiro de Desastres Naturais, Vol. Paraíba, 2011, p. 16.

O fator geográfico influencia diretamente em relação ao número de registro desses municípios, uma vez que estão distribuídos em regiões semiáridas e semiúmidas, de acordo com a classificação pluviométrica do Estado da Paraíba (MACEDO, 2010 *apud* CEPED/UFSC, 2011, p. 50).

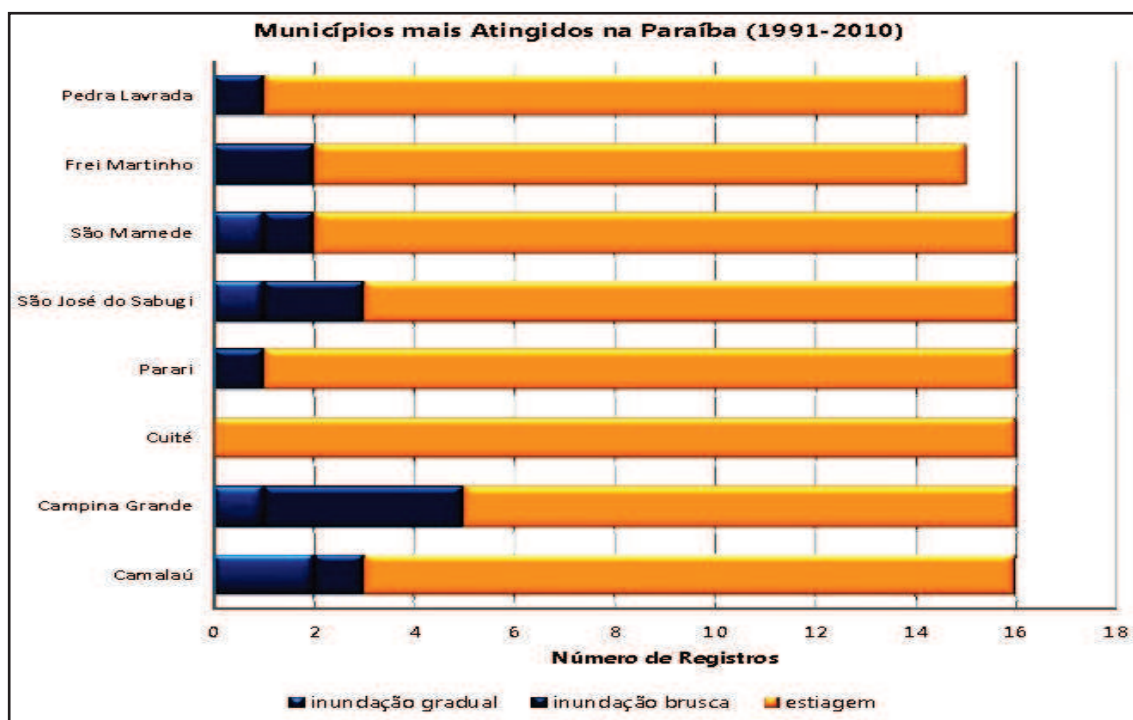
É importante ressaltar que por consequência desta vulnerabilidade da população frente aos fenômenos relativos à inundação brusca e alagamentos, a Secretaria Nacional de Defesa Civil registra no Estado da Paraíba, um total de 200 registros, equivalentes a 11% de ocorrências de desastres ocorridos nos últimos vinte anos.

Além dos efeitos adversos atrelados a este fenômeno, as enxurradas muitas vezes ocorrem associadas a vendaval, e também podem desencadear outros eventos, que potencializam o efeito destruidor, aumentando os danos causados. De acordo com o Ceped/UFSC, o município que apresentou os maiores registros desse evento foi Campina

Grande, com 4 ocorrências, ao longo de 20 anos. Nesta escala temporal as inundações graduais representam-se como o terceiro evento mais recorrente a trazer consequências desastrosas à população paraibana, com 11% dos registros, correspondendo a 76 ocorrências.

Outro aspecto refere-se às estiagens e às secas, diretamente relacionadas à redução das precipitações pluvial, apresenta-se como um dos maiores problemas que afetam a qualidade de vida da população mais desvalida socialmente do Estado da Paraíba. E em função disto se registra um total de 1.588 registros, equivalentes a 85% dos casos de desastres na Paraíba em consequência dos impactos das ações humanas nos territórios de vulnerabilidades da população. Trata-se então de um percentual de desastres mais recorrentes na Paraíba. O que vem a afetar a vida das populações, geralmente as camadas desvalidas socialmente, produzindo efeitos negativos em outras estâncias da sociedade, tais como na economia, na política e no cotidiano das pessoas.

Figura 03. Municípios paraibanos mais vulneráveis às *áleas*.



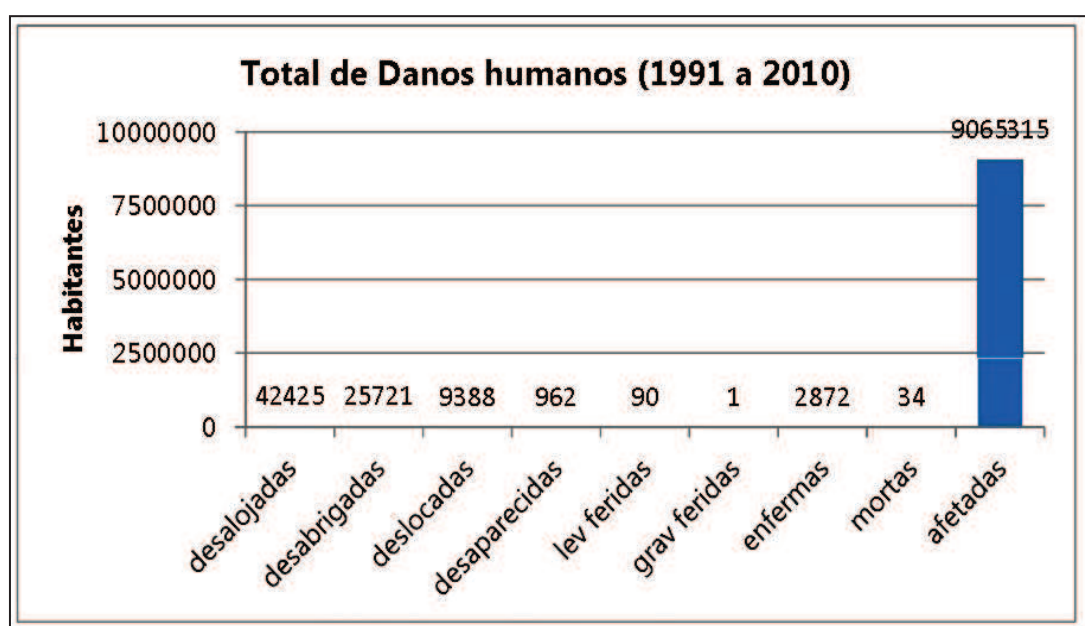
Fonte: Atlas Brasileiro de Desastres Naturais. Vol. Paraíba, 2011, p. 50.

Em contraposição a este fato, existe ,na Paraíba, municípios em que as pessoas sofrem anualmente com a escassez das chuvas, e por outro lado, há aqueles que sofrem com o excesso, em vista das precipitações concentradas, em períodos curtos de tempo, em vários municípios, tanto em áreas rurais quanto urbanas. Além desses, há outros aspectos, relativos à inundação brusca e alagamentos apresentando-se como o segundo desastre natural de maior

ocorrência no Estado, com total de 200 registros, equivalentes a 11% dos desastres ocorridos nos últimos 20 anos (CEPED/UFSC, 2011, p. 50).

É notável que esses eventos naturais, comuns ao Estado, passaram a causar danos à população paraibana, na medida em que todos os anos há registros confirmados e caracterizados como desastres. Isso porque qualquer desequilíbrio mais acentuado no regime hídrico local gera impactos significativos sobre a dinâmica econômica e social. É o que mostra o gráfico 01 a seguir:

Gráfico 01: Danos humanos registrados nos últimos anos no Estado da Paraíba.



Fonte: Atlas Brasileiro de Desastres Naturais. Volume Paraíba, 2011, p. 50.

Dessa forma, ao longo dos vinte anos analisados pelo CEPED/UFSC (2011, p. 50) em parceria com a Secretaria Nacional da Defesa Civil, foram afetados 9.065.315 paraibanos, no qual foram registradas ainda 34 mortes, 2.872 enfermos, 1 gravemente ferido, 90 levemente feridos, 962 desaparecidos, 9.388 deslocados, 25.721 desabrigados e 42.425 desalojados.

Assim sendo, conforme o que foi mostrado, e de acordo com a Secretaria Nacional de Defesa Civil, consoante ao Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPED/UFSC), põe-se em destaque a problemática questão da Geografia do risco no Estado da Paraíba, uma vez que o modelo de planejamento e gestão dos riscos quanto aos recursos hídricos ocorre como consequência da falta de uma estrutura de drenagem urbana, das precárias formas de armazenamento e distribuição de água

e da urgente necessidade de uma política de gerenciamento adequado do armazenamento e distribuição da água no Estado.

Na falta de tais medidas mitigadoras, pode-se agravar o impacto gerado pela escassez de chuvas no município ou região atingida. Portanto, faz-se necessário repensar e compreender essas relações socioambientais recorrentes no espaço paraibano. E considerar que a recorrência das estiagens e das secas não é proveniente apenas de fatores climáticos e meteorológicos, mas sim do resultado de um conjunto de elementos naturais e/ou antrópicos.

4.2 Outras observações sobre o território da Vila

Ao observar a área, recorda-se um pensamento marcante nos estudos geográficos: “é preciso saber pensar o espaço para saber nele se organizar, para saber ali combater”, esta frase de Yves Lacoste (1988, p.189), trás reflexões e ainda reforça o pensamento, que dá título ao bem conhecido livro de Milton Santos: “Pensando o espaço do homem”, entre os geógrafos e demais cientistas que se interessam a estudar e pensar o espaço do homem buscando compreensão sobre as relações que se estabelecem entre a sociedade e seu espaço. Infere-se deste pensamento que este “exercício” de se pensar o espaço, é um processo, imprescindível e contínuo.

E, nesse caso, o que poderia ser entendido como pensar o espaço do homem? Pensar o espaço seria pensar a própria sociedade espacializada? Neste pensamento aparece também a ideia de luta. Daí figura também a função social ou o papel da geografia na sociedade, sua maneira de pensar o espaço e sua organização social. Então, como ajudar os cidadãos a “saber pensar o seu espaço”, o seu território e o seu lugar no mundo? Considerando tais colocações, como pensar o espaço da Vila dos Teimosos no contexto urbano de Campina Grande, cidade média, capital regional da região nordestina brasileira?

Adentrando-se neste território, observando-se os agentes que o constituem que se inter-relacionam contraditoriamente na dinâmica do espaço campinense, espaço este, que em sua circunvizinhança, faz-se interessante a pensar, a se estudar e se compreender. Ao seu entorno, encontram-se os demais segmentos, educacionais, de saúde e atividades tecnológicas e econômicas. Um exemplo deste fato é a presença do Campus I da UEPB, acompanhado de outro Campus, em que se instalam o curso de Medicina da UFCG e o IML (*Cf.* apêndice III), registra-se ainda a presença de uma escola técnica, a Redentorista e um Centro de Tecnologia do Couro e do Calçado Albano Franco, Núcleo de Educação Profissional (SENAI-CTCC) e da CAGEPA (*Cf.* apêndice IV).

E, conforme as observações de Nascimento (2011/2012), em seu levantamento educacional da área, a presença da Creche Félix Araújo e da Escola Cícero Virgínio. Ao longo dos anos vêm ocorrendo transformações neste espaço, entre as quais a construção do Parque Tecnológico de Campina Grande. Além da presença das empresas ROVSA (ROVSA-Refinaria de Óleos Vegetais S/A) e IPELSA, Laboratório Farmacêutico e conforme o depoimento dos moradores, nas proximidades, em tempos passados, havia uma Fábrica Têxtil e a presença de um curtume e um matadouro IPELSA no local.

Afirma-se, com base nas observações empíricas e nas memórias individuais dos moradores da Vila dos Teimosos, que no decorrer dos anos, esta área, vem passando por um processo de renovação, já que os pioneiros das invasões não dispunham da estrutura que os moradores atuais desfrutam. Acredita-se que este espaço vem recebendo melhorias, tais como serviços essenciais (energia elétrica, esgotamento sanitário e fornecimento de água), apesar de haver ainda precarização de saneamento básico e falta de infraestrutura local (Cf. figura 01). O quadro 02 apresenta outros tipos de serviços comunitários que proporcionam benefícios diversificados à população local:

Quadro 02. Dos serviços existentes a beneficiar a população.

SEGMENTOS SOCIAIS	
Entidades	Nº
Escola	1
PSF	1
Agentes de saúde	2
Médico	1
Igreja	3
Associação (moradores)	1
Pastoral (Criança)	1

Elaborado por Maria Ester de Souza, observações *in loco* e anotações de campo de Cláudia Nascimento (2011/2012).

No quadro 02, de maneira mais objetiva, encontra-se serviços de importância para a população da Vila dos Teimosos, tais como a escola pública, conveniada com o CAPS, o PSF, os agentes de saúde e o trabalho da médica com a especialidade clínica geral, a atender a população com apoio da igreja, completa-se o quadro social da comunidade com duas igrejas evangélicas e uma católica, a Associação dos Moradores e a Pastoral da Criança. Em relação às atividades comerciais, encontram-se os seguintes conforme mostrado no quadro 03 a seguir:

Quadro 03. Comércio da Vila dos Teimosos.

ATIVIDADES COMERCIAIS NA ÁREA	
Minimercados	1
Mercearias	5
Padaria	1
Costureiras	5
Salão de Beleza	1
Lanchonete	1

Elaborado por Maria Ester de Souza, observações *in loco* e anotações de campo de Cláudia Nascimento (2011/2012).

Atividades estas de caráter mais informal a atender as necessidades da população que se caracteriza econômica e socialmente no perfil de baixa renda e baixa qualidade de vida. Além desses, há outros aspectos a destacar: as atividades socioculturais (a quadrilha junina, grupo de teatral) e educativas (biblioteca) coordenada por Francisco Nascimento "Santo da Terra", que em parceria com Herbert de Andrade Oliveira são autores de uma página virtual, o Blog "*Nosso Bodocongó,*" no qual publicam notas, informações, levantando algumas questões e discutindo a respeito de fatos cotidianos ocorridos na dinâmica desta área. Outro fato que se observa ocorrendo nas intermediações da Vila dos Teimosos e do Açude de Bodocongó trata-se da construção do Condomínio Residencial Dona Lindú, (*Cf.* Figura 01), 2011-2012.

A construção deste conjunto habitacional tem proporcionado maior visibilidade local, valorizando o território que passa a ser espaço de especulação por parte dos moradores do local. E, por consequência disto, mais obras de melhorias, para interesse de atender a demanda do mercado imobiliário. Não obstante, existe ainda a precarização neste espaço como se observa nas imagens apresentadas na figura 01. Como aparece na imagem (c), a falta de qualidade na gestão dos serviços de esgotamentos sanitários e ambientais, na imagem (b) mostra uma das laterais do Conjunto próxima a um terreno baldio, onde frequentemente é um local de acúmulo de resíduo lançados pela população.

Já nas imagens (a) e (d), se observa as condições de calçamento e pavimentação da rua do residencial. A respeito da relação entre os moradores da comunidade e o residencial Dona Lindu, numa postagem do ano de 2011, no Blog "*Nosso Bodocongó,*" é levantada uma questão que se considera pertinente a se pensar na lógica imobiliária da realidade deste

espaço: “Quantos moradores da área mais que precária da Vila dos Teimosos (em frente ao Dona Lindu) estão sendo beneficiados com esse empreendimento”?

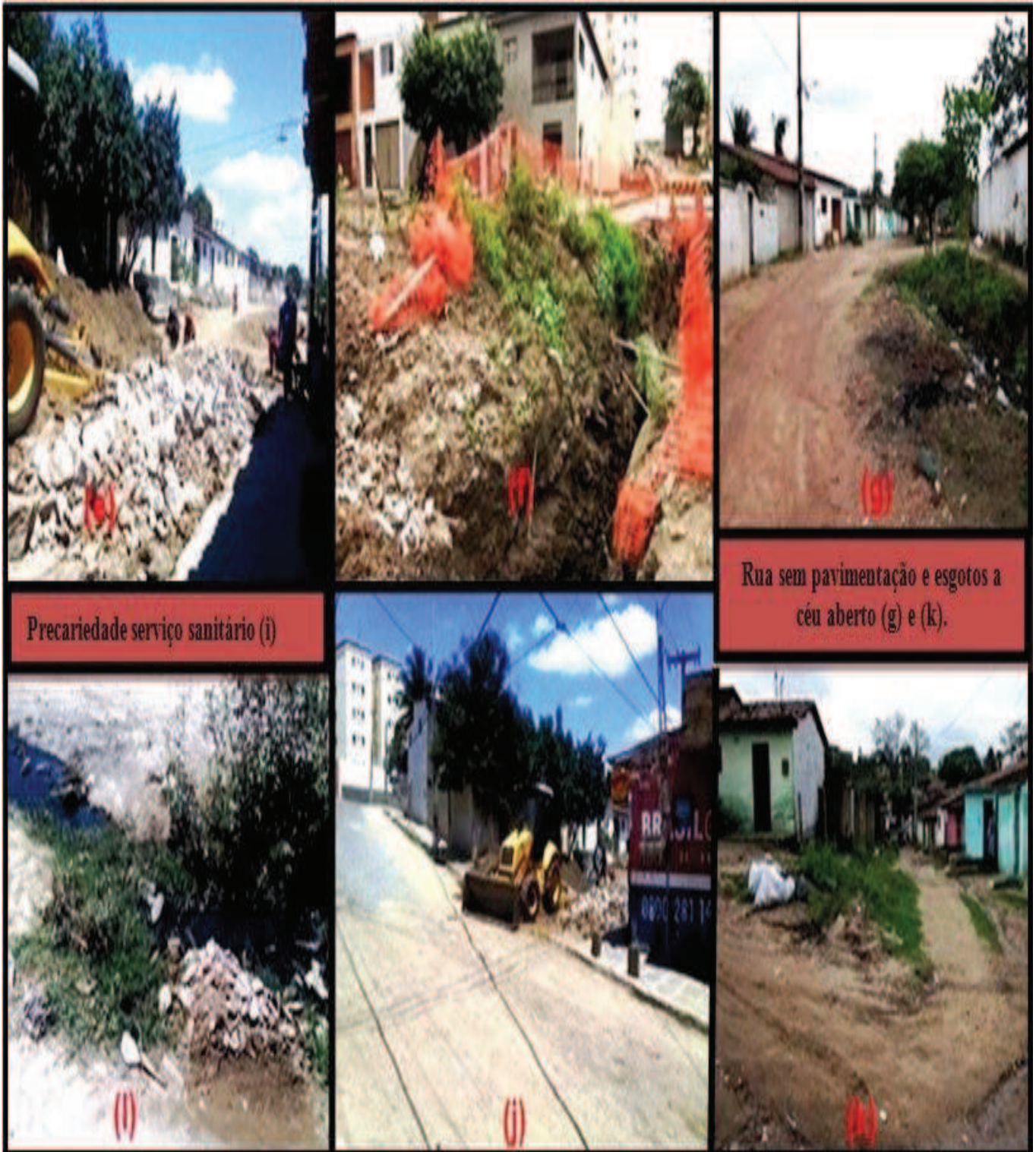
E o meio ambiente, o que foi feito para sua preservação? Para onde vão os resíduos (lixo e esgoto) produzidos no Dona Lindu?”(NOSSO BODOCONGÓ, 2011)”. Neste sentido, o espaço da cidade é também um condicionante da sociedade, fragmentado e articulado por diferentes grupos sociais, constituído por distintas construções e maneiras de usar e ocupar o território. Assim, o movimento da própria sociedade, da estrutura social, demandando funções urbanas que se materializam nas formas espaciais. Formas estas que são socialmente produzidas por agentes sociais concretos (SANTOS, 1985, *apud* CORRÊA, 1993, p. 10). O espaço da sociedade é assim, múltiplo, heterogêneo e contraditório em si mesmo. (Cf. figura 01 e 02).

Figura 01. A configuração do território com a construção do Residencial Dona Lindu.



Imagens (a, b e c) registradas por Maria Ester Souza em 2012 e (d) por Raiane Gonçalves em 2011, em pesquisa de campo.

Figura 02. Obras de canalização do Dona Lindu em 2011 e 2012 e as condições ambientais da Vila.



Imagens (e), (i) e (j) registradas por Maria Ester Souza em 2012 e (f), (g) e (k) por Raiane Gonçalves, em 2011.

A sequência de imagens (e, i, j, f, g, k) acima na figura 00, tem por objetivo mostrar as mudanças ocorridas no espaço da Vila dos Teimosos na escala temporal de 2011-2012. Há obras de canalização advindas do residencial Dona Lindu paralelas às outras atividades antrópicas como lançamento de esgotos (doméstico e industrial) sem tratamento. A falta de serviços de gestão pública, esgotamento sanitário gerando a degradação ambiental. E, em consequência, os riscos e vulnerabilidades que afetam a qualidade de vida dos moradores da Vila, que se encontram territorializados à margem do Açude assoreado. Além dos impactos da construção do residencial, entre outros aspectos, se reforça a omissão dos serviços de gestão urbana por parte das autoridades competentes. Tal descaso aliado à inconsciência do risco pela população habitante desta comunidade intensifica o processo de degradação e vulnerabilidade socioambiental do território.

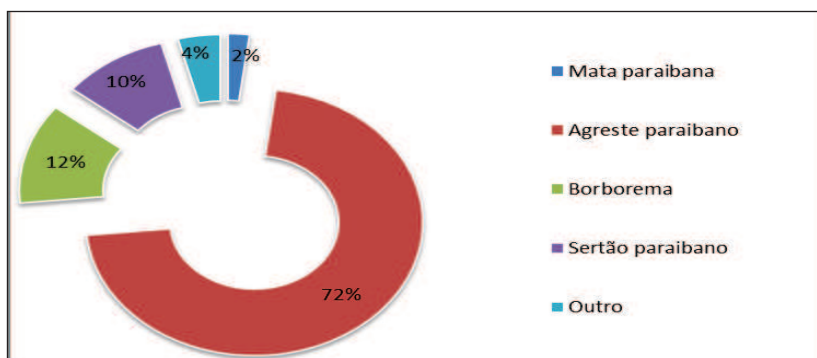
4.3 Breve Perfil Socioeconômico e Ambiental da População da Vila dos Teimosos de Campina Grande-PB.

Os dados que são apresentados resultam do trabalho de pesquisa realizado no Projeto de Extensão (A Geografia como Estratégia de Planejamento em áreas de Risco em Campina Grande - PB) durante o período de julho de 2011 a julho de 2012, nas áreas de risco dos bairros do Jeremias, Pedregal e Vila dos Teimosos. Em virtude do Projeto de Iniciação Científica, paralelo ao de Extensão se buscou dar o enfoque, neste caso, aos territórios constituídos na Vila dos Teimosos. Apresenta-se, então, um breve perfil socioeconômico e educacional da população desta Vila. Resultante da pesquisa exploratória nesta área, realizada em razão do projeto, durante os meses de Agosto a Setembro de 2011. Estes dados representam as respostas dos moradores às questões nas entrevistas, uma breve caracterização dos mesmos e a percepção que estes moradores têm de seu território.

Os resultados obtidos revelaram um breve perfil da população residente na área de risco. A média do número de indivíduos por grupo familiar corresponde a 4,11. O maior percentual da comunidade (72%) (Cf. Gráfico 02) é natural da microrregião do agreste, da Cidade de Campina Grande. Verificou-se em (31%) (Cf. Gráfico 03) das pessoas entrevistadas nas residências a ausência de estudantes; Em relação aos serviços sanitários e ambientais, (83,67%) (Cf. Gráfico 08) dos pesquisados revelaram a existência de um carro de coleta de resíduo a passar em sua rua, mas ainda existe pessoas a preferir depositar resíduos nos terrenos baldios da área. Descrevendo os dados, (o gráfico 02.), demonstram de forma

objetiva as respostas dos entrevistados em relação a sua naturalidade. Foram categorizadas as respostas identificadas por mesorregiões paraibanas. Os (72%) que aparecem no gráfico, naturais da mesorregião agreste, por exemplo, são naturais de Campina Grande de outras cidades do agreste paraibano.

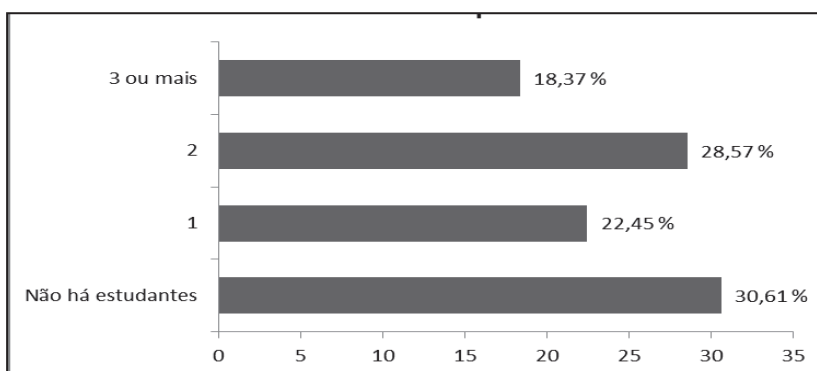
Gráfico 02. Dados referentes à naturalidade das pessoas da comunidade estudada.



Elaborado por Maria Ester de Souza, a partir das entrevistas, Ago/Set, 2011.

O gráfico 02 ilustra as respostas dos entrevistados quanto à quantidade de estudantes por residência: de 22,45% representando a quantidade de apenas 1(um) estudante, as residências contendo o número de 2 (dois) estudantes igual a 28,57; com 3 (três) ou mais estudantes igual a 18,37%, enquanto que 30,61% declaram não haver a presença de estudante em sua residência. Sendo este um trabalho de pesquisa exploratória, nos leva a pensar o porquê de um percentual tão alto de famílias sem a presença de estudantes. Questão esta a ser averiguada, comprovada ou refutada numa pesquisa posterior.

Gráfico 03. Estudantes por residência: Quantificando o ambiente estudado

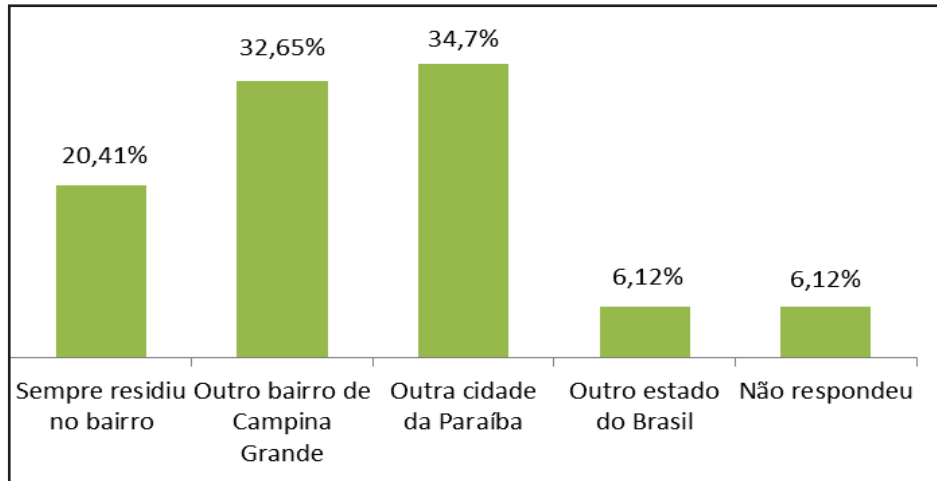


Elaboração própria. Entrevista com moradores em 2011.

Com relação ao local de origem dos moradores entrevistados (Cf. gráfico 04) quando foi perguntado aonde residiam anteriormente, obteve-se o resultado a seguir: 20,41% sempre residiram no local; 32,65% em outros bairros da cidade de Campina Grande; 34,7%

habitavam em outra cidade do estado da Paraíba; 6,12% são advindos de outro estado do Brasil e outros 6,12% se absteram de comentar sobre a questão.

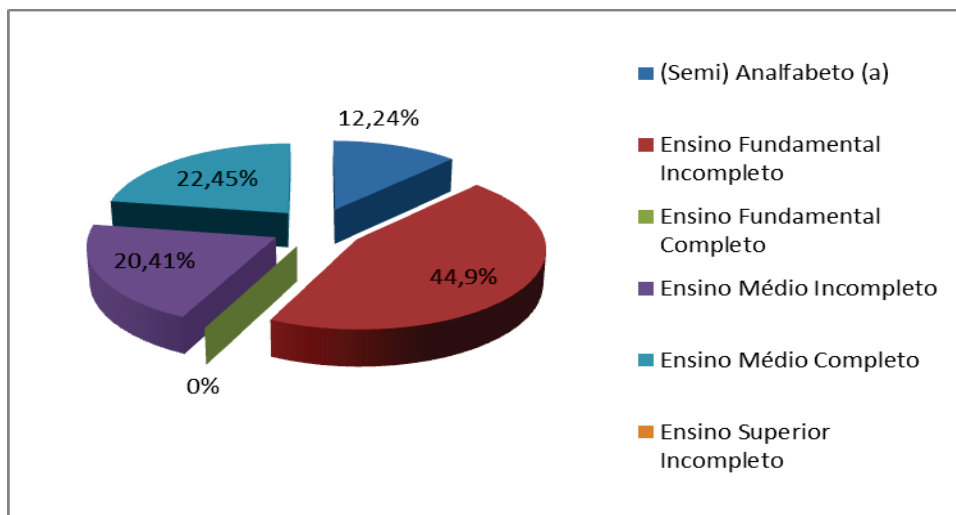
Gráfico 04. Origem ou residência anterior.



Elaboração própria. Entrevista com moradores em 2011.

Concernente ao nível de escolaridade obteve-se o seguinte percentual: 44,9% dos entrevistados declaram não ter completado o Ensino Fundamental. E com Ensino Médio completo apenas 22,45%, ainda 12,24% que se consideram como semialfabetizados (Cf. gráfico 5).

Gráfico 05. Nível de escolaridade dos entrevistados, na pesquisa.

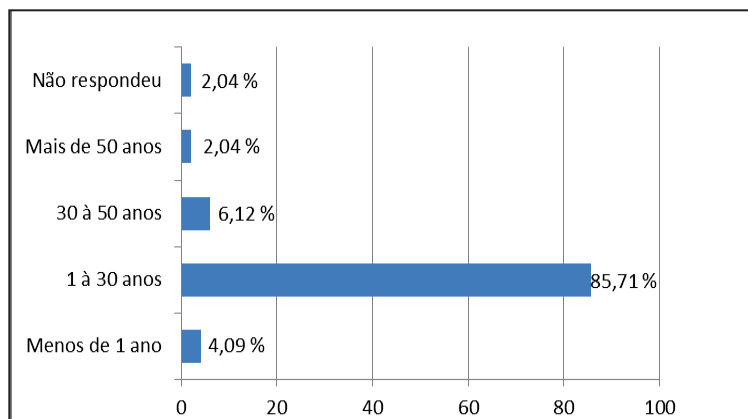


Elaboração própria. Entrevista com moradores em 2011.

Ressalta-se que estes dados quanto à escolaridade se referem às pessoas com as quais foram realizadas as entrevistas. Fato que não permite afirmar ou considerar a existência de

habitantes com escolaridade de nível superior completo ou incompleto habitando a comunidade. Também não se descarta a possibilidade de existir moradores não alfabetizadas.

Gráfico 06. Resultado do Tempo de residência na Vila dos Teimosos.

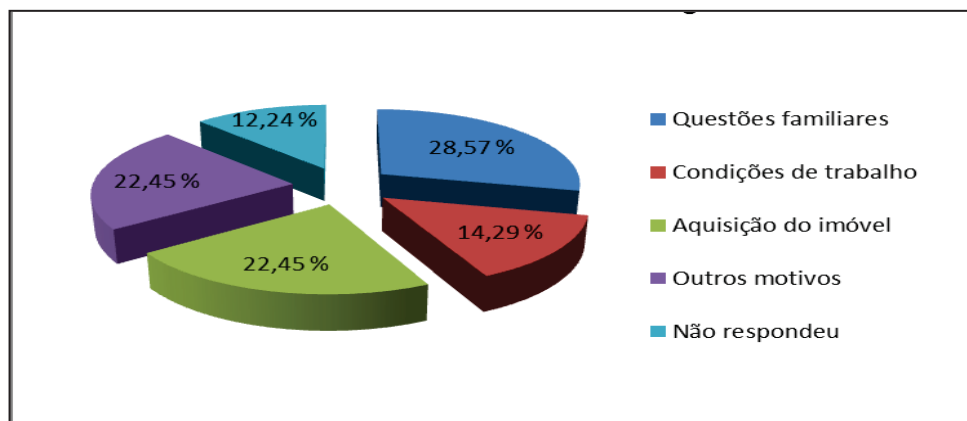


Entrevista com os moradores em pesquisa de campo em 2011.

Quanto às declarações quanto ao tempo de residência, registrou-se: (85,71%) dentro da escala temporal entre 1 a 30 anos, seguido de 6,12% que declararam habitar no local em torno de 30 a 49 anos, 4,09% declaram residir na Vila há menos de 1 (ano). Ainda foi registrado o percentual de 2,04% que declararam um tempo de residência superior a 50 anos. Este é outro fato a se investigar posteriormente em outra pesquisa, uma vez que, de acordo com os aspectos históricos, a origem da ocupação deste território, tem sido datada, por pesquisadores da história, a partir da década de 1980.

Outro ponto a se questionar aos moradores nas entrevistas foi em relação ao motivo da saída de seus locais de origem. Buscou-se compreender o que motivou a população a ocupar o território. E como pode ser observado (no gráfico 07), houve várias razões como justificativa para a invasão e ocupação do território às margens do Açude. Apresenta-se a seguir as principais justificativas dos entrevistados:

Gráfico 07. O Motivo de Residir na Vila.

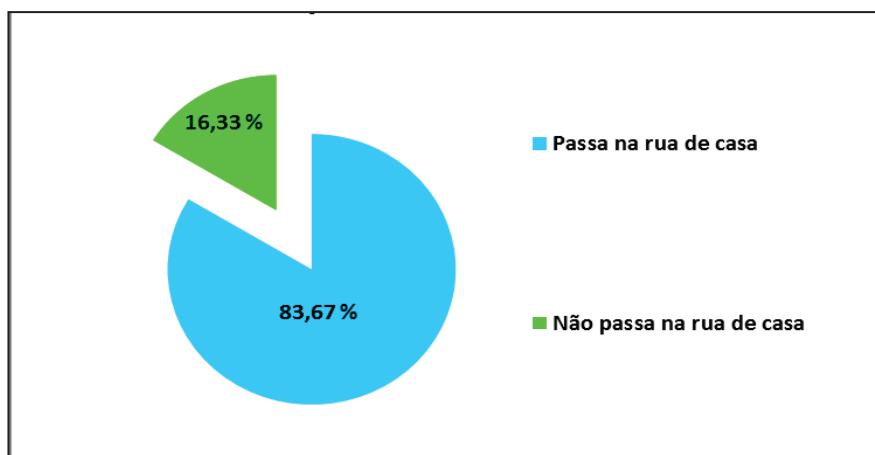


Elaborado por Maria Ester de Souza. Entrevista com moradores em 2011.

Quando foi perguntado aos moradores o motivo da saída do local de origem, as respostas foram as seguintes: (28,57%) declarou ter saído de seu local de origem por questões familiares, (14,29%) perspectivas de oportunidades e condições melhores de trabalho, (22,45%) admitiu ter mudado por ter adquirido imóvel na Vila, neste caso, estão incluídas das respostas dos moradores que mencionaram a questão do aluguel. Estes afirmaram que morando na Vila dos Teimosos, apesar da precariedade, estaria realizando o sonho da casa própria. O mesmo percentual de (22,45%) não apresentou justificativas, admitindo outro motivo não especificado e ainda outros (12,24%) que preferiram nada declarar quanto a essa questão.

Nos gráficos 08, a seguir, mostra-se a percepção dos moradores da Vila referente aos serviços sanitários e ambientais. Em relação a isto, se questionou aos moradores quanto aos resíduos e sua coleta: “O carro de lixo passa na rua? Quantas vezes por semana e o que é feito com o lixo?” “A casa possui sanitário?” “Possui rede de esgoto?” “Para aonde vai o esgoto?” As condições sanitárias e ambientais da Vila dos Teimosos tem sido uma problemática bastante visível diante dos olhos de qualquer observador. Contudo, ao levantar tais questões, diante dos moradores, se teve como propósito identificar a percepção dos mesmos e conhecer a sua opinião a respeito da sua própria realidade vivenciada, o grau de satisfação desta população em relação ao seu território. As declarações obtidas quanto a essas questões aparecem sintetizadas nos gráficos 08 e 09:

Gráfico 08. Serviços Sanitários e ambientais na Vila dos Teimosos



Elaborado por Maria Ester de Souza. Entrevista com os moradores em 2011.

Em relação às condições sanitárias e ambientais, (83,67%) dos pesquisados, declara que o carro de coleta de resíduo passa em sua rua, mas segundo o que afirmam, ainda há pessoas que preferem depositar resíduos em outros terrenos baldios (Cf. figura 04) da mesma área. E esta realidade também foi presenciada ao se visitar algumas ruas da Vila (Cf. Figura 03). Outros (16,33%) declararam a falta de serviços de coleta em sua rua e por este motivo os resíduos são depositados na rua principal da Vila, por onde passa o carro de coleta. Quanto às respostas dadas pela população da Vila a respeito dos esgotos, todas as pessoas pesquisadas responderam (100%) não haver. E, de fato, este foi um fato bem visível a ser constatado no processo de observação do espaço da Vila. Na sequência encontram-se as respostas quanto ao destino dos esgotos

Figura 03. Resíduos lançados da Rua



Foto de Maria Ester de Souza em 2012.

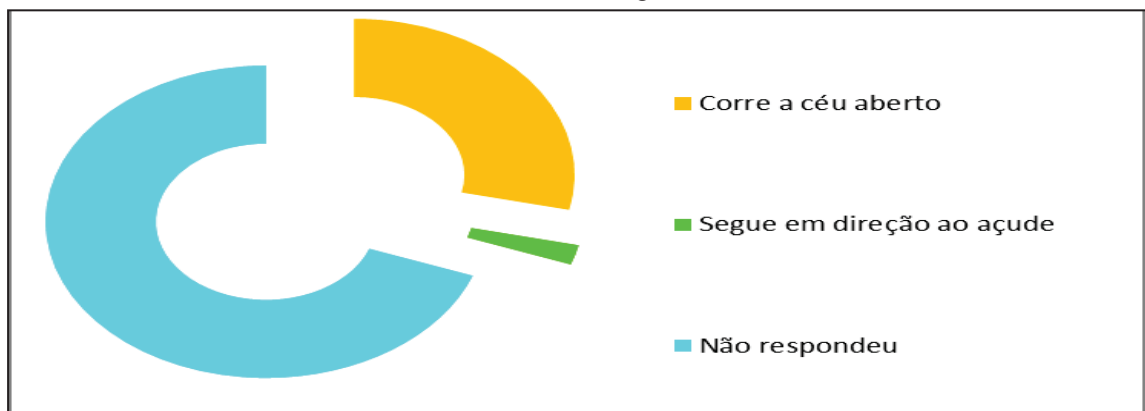
A figura 03 mostra uma imagem da Avenida Juvêncio Arruda, a principal e a única a possuir calçamento e também a mesma em que se encontra localizado o Condomínio Residencial Dona Lindú II. A figura 03 mostra o início da avenida e a figura 04, a vista lateral do residencial, o terreno baldio onde os resíduos são depositados pelas pessoas e a sequência da Avenida.

Figura 04. Vista da lateral do Dona Lindu e terreno baldio.



Foto de Maria Ester de Souza, 2012.

Gráfico 09. Destino dos esgotos da Vila.



Elaborado por Maria Ester de Souza. Entrevistas com os moradores em 2011.

Conforme apresenta o (Gráfico 09), (69,39%) os pesquisados não têm conhecimento do destino dos esgotos ou preferiram não opinar sobre a questão, (28,57%) declararam que o esgoto da Vila corre a céu aberto, outro percentual de (2,04%) disse que segue em direção ao Açude de Bodocongó. No diálogo com estes moradores, quando se perguntou quanto ao seu grau de satisfação em relação ao local, houve depoimento de pessoas que se declaram insatisfeitas em relação a essas condições ambientais de precariedade e abandono. Mas ao mesmo tempo admitem estarem satisfeitas quanto ao fato de possuírem um lugar para morar sem ter despesas com aluguel.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos estudos geográficos, a escolha e a abordagem a partir das categorias espaciais de análises da geografia são de fundamental relevância e necessidade à objetivação e espacialização das interrelações humanas e socioambientais dos fenômenos historicamente construídos e organizados geograficamente no espaço.

Nesse sentido, o território é a categoria que mais se aproxima deste propósito metodológico e geográfico, que melhor o representa, tratando-se de uma abordagem geográfica dos riscos nas cidades brasileiras, mais geral, como problemática dos espaços urbanos e, particularmente, no caso da Vila dos Teimosos de Campina Grande-PB.

Ao considerar esta perspectiva, é importante ressaltar as seguintes observações sobre o território - e com base nos dados obtidos na pesquisa - considera-se o território socialmente marginalizado, à margem direita do Açude de Bodocongó, localizado no bairro de idêntico nome (Bodocongó), no município de Campina Grande-PB. Destaca-se que poluição detectada ocorre devido à inexistência de infraestrutura sanitária básica, com lançamento de efluentes domésticos e de lixo no açude e em suas margens; às enchentes e drenagem urbana precária; o assentamento em área inundável, de risco e carente de saneamento ambiental e produtividade econômica, à abertura de valas de esgoto a céu aberto, ocasionando a proliferação de vetores transmissores de diversas doenças, além da contaminação generalizada da população, principalmente crianças, que apresentam infecções dermatológicas - sempre reincidentes e à área deteriorada e comprometida pela falta de parâmetros técnicos para sua ocupação.

A expansão urbana tem revelado problemas graves, originados da quase completa desconsideração dos fatores fisiográficos. Esta aceleração, sob a ótica quase exclusiva das razões especulativas de mercado, vem ignorando as potencialidades e limitações das áreas a serem ocupadas.

Com o evidente e irreversível processo de urbanização para a correta gestão desse fenômeno, toda a sociedade e, em especial as instâncias governamentais, terão que se habilitar, no sentido da melhoria dos investimentos, reduzindo as perdas e deseconomias que acompanham e caracterizam hoje a expansão das cidades.

O olhar do geógrafo sobre o espaço, sobre a paisagem, sobre a organização e arranjo territorial, faz-se distinto e igualmente necessário à compreensão das demandas existentes na

formação e metamorfoses do espaço campinense, quanto aos aglomerados populacionais das comunidades menos favorecidas ou social e economicamente desvalidas e as suas relações de apego, identidade e resistência com/e nos territórios das vulnerabilidades e dos riscos de naturezas diversas.

Abra-se também mais uma vertente de possibilidades a se pensar quanto às multiplicidades de relações e fenômenos que sucede nesse espaço, ao estudo e à pesquisa geográfica em Campina Grande no que se refere às contradições e desigualdade dos territórios de vulnerabilidades, abrindo-se perspectivas para as realizações futuras de estudos mais aprofundados quanto aos modos de ocupação do espaço, das áreas periféricas, sua gênese e desenvolvimento, tal qual o processo de segregação e ocupações irregulares, bem como quanto ao processo de territorialização, seleção, especulação e apropriação do espaço urbano em escala local.

Espera-se que o trabalho em questão contribua para outros estudos sobre as áreas de ocupações irregulares e principalmente para uma aproximação com a temática a se buscar mais aprofundamento quanto à problemática em trabalhos posteriores, pois este trabalho possui certas limitações e por questões de tempo encerra-se por aqui, mas não se conclui efetivamente. Não foi possível abarcar todas as questões desta problemática, há muito ainda a se investigar, a se estudar e a aprofundar num trabalho posterior, questões das quais apresentamos a seguir: A população mais pobre de Campina Grande, principalmente a residente mais próxima do Açude de Bodocongó, na Vila dos Teimosos, percebe o risco ou se sente ameaçado em relação ao seu espaço e local de habitação? Compreende o tipo de *álea*? Consegue avaliar o grau de Gravidade? Estes moradores estão mesmo sob a ameaça de uma *álea*? Como a população vulnerável percebe ou conhece a *álea* e o risco e quais os tipos programas educativos e estratégias de planejamento e ações para a prevenção dos riscos municipais? Quais as formas de atuação da gestão dos riscos socioambientais a partir de técnicas e métodos de utilização? Quais os instrumentos e recursos que podem contribuir para a formulação de modelos práticos que dimensionem os programas educativos, de gestão e planejamento nas áreas de risco na cidade de Campina Grande-PB? Quais as formas de atuação dos habitantes na construção de modelos práticos ou experiências implantação de sistemas de prevenção e gestão de riscos na cidade?

Considerando tais questões, quanto ao território ocupado pela Vila dos Teimosos em Campina Grande consideramos este como sendo de interesse múltiplo, como área inserida e ao mesmo tempo excluída na/da tessitura do espaço campinense. Há lutas e disputas

territoriais entre as classes envolvidas, há a lógica do mercado imobiliário e capitalista, há posições e atitudes de resistência da população para se legitimar e se manter nos territórios ocupados. Bem como demais questões quanto à subjetividade das pessoas que residem nesta Vila, não desprezando ainda os outros interesses e motivos estruturais, práticos, pessoais, de ordem econômica e política.

É importante enfatizar que neste trabalho se objetiva primordialmente buscar reflexões e discutir as relações entre o território e a vulnerabilidade, estudar os riscos urbanos e as questões sociais (relações de apego, de identidade e de riscos) estabelecidas entre a população e os territórios de riscos. É bom lembrar que as discussões tecidas e estruturadas quanto à problemática dos riscos e das vulnerabilidades socioambientais urbanas, faz-se imprescindível ao estudo espacial dos riscos e a compreensão das dinâmicas do cotidiano desta população residente na comunidade da Vila dos Teimosos, inserida num território de múltiplas vulnerabilidades, nas proximidades do Açude de Bodocongó.

Área esta considerada de riscos, de inundação, de precariedade ou ainda como um espaço socialmente marginalizado, com múltiplas dimensões contraditórias. Espaço este que na qualidade de território, é a própria substantivação de um território em diferentes instâncias, vulnerabilidades socioambientais e socioeconômicas, que podem ser estudadas e interpretadas por intermédio de múltiplas leituras e explicações, à luz das mais diversas teorias e concepção de acordo com o enfoque a que venha ser adotado ou que sejam dadas as questões.

Tendo consciência de toda essa complexidade, não buscamos aqui trazer resposta ou explicações necessariamente, mas em contraponto, despertar mais ampla e intensamente para a problematização e discussão; motivar para se buscar pensar continuamente a reflexão sobre espaço das relações humanas em seus territórios e em suas vulnerabilidades, nesses tempos de incertezas, medos e inseguranças no atual contexto da modernidade. E na Geografia, que é uma ciência em permanente processo de renovação, uma ciência dos riscos e das incertezas, sempre em busca do seu lugar e de suas verdades e certezas no rol das ciências humanas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, ciência da Sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1987. 143p.

ALMEIDA, Lutiane Queiroz de. **Por uma ciência dos riscos e vulnerabilidades na Geografia**. *Mercator*, Fortaleza, v. 10, n. 23, p. 83-99, set./dez. 2011. Disponível em: www.mercator.ufc.br. Acesso em 14/09/12.

ANEAS DE CASTRO, S D. **Riesgo y Peligros: Uma visión desde la Geografía**. *Scripta Nova*, Revista Electrónica de Geografía y Ciencia Sociales. Universidad de Barcelona. ISSN 1138-9788. N. 60, 15 de marzo de 2000, p.1-15. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-60.htm> > acesso em 29 de outubro de 2012.

Atlas Brasileiro de Desastres Naturais, 1991 a 2010: volume Paraíba/Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. Florianópolis: CEPED, 2011.

CARVALHO, A. de P. **Diagnóstico da degradação ambiental do Açude de Bodocongó em Campina Grande - PB / Campina Grande, 2007**. 97f.: il.. col. Dissertação (Mestrado em Engenharia Agrícola)– Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais.

CARVALHO, A. de P., LIMA, V. L. A. de, SILVA, D. G. K. C. E; CARVALHO FILHO, A. M. de. **Determinação do índice de balneabilidade do açude de Bodocongó em Campina Grande, PB, Brasil, a partir de indicadores biológicos**. *Revista Educação Ambiental em Ação*, 2009. <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=699&class=21>, acesso em 16 de novembro de 2012.

CASTRO, Iná Elias de.; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia Conceitos e Temas**. 11ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 352p.

CASTRO, Antônio Luiz Coimbra de. **Segurança Global da População**. Ministério da Integração Nacional. **Secretaria Nacional de Defesa Civil**. Brasília, 2007. 65p.

CHRISTOFOLLETI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1985. 318p.

CLAUDIA NASCIMENTO, Magalhães. **Entrevista com moradores Na Vila dos Teimosos, anotações de campo e pesquisa**. Campina Grande-PB/ Brasil: Escrita a mão, 2011 e 2012.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Tradução de Margareth de Castro Afeche Pimenta e Joana Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2011, 406p.

_____. **Terra dos Homens: A Geografia**. Tradução de Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010. 143p.

_____. **O Território na Transição da Pós-modernidade**. *GEOgraphia* – Ano 1 – No2 – 1999, p. 7-26.

_____. A Evolução Pós-Funcionalista e as concepções atuais da Geografia. IN: MENDONÇA, Francisco; KOZEL; Saete (Org.). **Elementos da Epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: Ed da UFPR, 2002, p. 11-43.

CLEBER, M. C; MARIA, N. O. **Riscos Ambientais e Geografia: Conceituações, Abordagens e Escalas**. Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ. Vol. 28-2 / 2005.

_____. **Environmental risks and hazards**. London: Prentice-Hall, 1994.

_____. Vulnerability to environmental hazards. **Progress in Human Geography**, v.20, n. 4, p.529-539, Dec. 1996.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajatórias Geográficas**; prefácio Milton Santos. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 304p.

_____. Reflexões sobre Paradigmas, Geografia e Contemporaneidade. IN: **Revista da ANPEGE**. v.7 n.1. Out, 2011. Disponível em <<http://anpege.org.br/revista/ojs-2.2.2/index.php/anpege08/article/viewFile/170/RAE6>> Acesso em 12 de outubro de 2012.

_____. “Espaço: um conceito-chave da Geografia”. IN: **CASTRO, I E de; GOMES, Paulo Cesar da C.; CORRÊA, R L. Geografia Conceitos e Temas**. 11ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2008. p, 15-47.

_____. **Região e organização espacial**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007. 93p.

_____. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ed. Ática, 1993. 94p.

COSTA, TCF. **Ações antrópicas de impactos negativos no açude de Bodocongó no município de Campina Grande – Paraíba.** Revista Brasileira de Informações Científicas. v.2, n.2, p.78-89. 2011. ISSN 2179-4413.

FERREIRA, Emília Ximenes; VELÔSO, Thelma Maria Grisi. **A luta por moradia e o surgimento da Vila dos Teimosos: uma análise a partir de relatos** orais. Centro de Referência da Assistência Social – CRAS, 2008. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/<356.%20a%20luta%20por%20moradia%20e%20o%20surgimento%20da%20vila%20dos%20teimosos.pdf> (acesso em 03/06/2012).

Ferreira, Joana d’Arc Araújo. **Vulnerabilidade socioambiental de espaços socialmente marginalizados em áreas urbanas: caso da Vila dos Teimosos em Campina Grande-PB.** Tese de Doutorado em Recursos Naturais – Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande – UFCG, 2007.

FERREIRA, Joana d’Arc Araújo. AZEVEDO, Pedro Vieira de. FARIAS, Maria Sallydelandia Sobral de. LIRA, Vanda Maria de. **Determinação da vulnerabilidade ambiental na Vila dos Teimosos, Campina Grande – PB. Caminhos de Geografia, Uberlândia** v. 9, n. 25 Mar/2008 p. 115 – 120. Disponível em: <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>. Acesso em 14/09/12.

GARCÍA TORNEL, Francisco Calvo. Algunas cuestiones Geografía de los Riesgos. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales.** Universidad de Barcelona. ISSN 1138-9788, N°10, 15 de Noviembre de 1997. 09p.

GOMES, Paulo Cesar da. **Geografia e Modernidade.** 9ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, 386p.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: Uma pesquisa Sobre as Origens da Mudança Cultural.** 8 ed. Edições Loyola. 1999. 349p.

KAZTMAN, R.; BECCARIA, L.; FILGUEIRA, F.; GOLBERT, L.; KESSLER, G. **Vulnerabilidad, activos y exclusión social en Argentina y Uruguay.** Santiago de Chile: OIT, 1999.

LACOSTE, Y. **A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** Tradução de Maria Cecília França. Campinas: Papirus, 1988.

MARANDOLA JR., E J. **Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana.** Tese (doutorado) da UNICAMP-Instituto de Geociências. Campinas-SP, 2008.

MARANDOLA JR., E.; HOGAN, D.J. **As dimensões da vulnerabilidade. São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, Fundação Seade, v. 20, n. 1, p. 33-43, jan./mar. 2006. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br>>; <<http://www.scielo.br>> acesso em novembro de 2012.

MARANDOLA JR., E J. **Vulnerabilidades e riscos na metrópole: A perspectiva da experiência**. XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR. Salvador, 23-27 de Maio de 2005. 13p.

MARANDOLA JR., E.; HOGAN, D. J. **Natural hazards: o estudo geográfico dos riscos e perigos**. Ambiente & Sociedade, Campinas, v. VII, n. 2, p. 95-110, 2004.

MORIN, Edgar. (org.) **A religação dos saberes. O desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MELO, Josandra Araújo Barreto de.; LIMA, Eduardo Rodrigues Viana de.; PEREIRA, Ronildo Alcântara. **Revista OKARA: Geografia em debate**, v.2, n.2, p. 128-206, 2008. ISSN: 1982-3878 João Pessoa, PB, DGEOC/CCEN/UFPB – <<http://www.okara.ufpb.br>>acesso em 13 outubro de 2012.

MENDONÇA, Francisco. **Riscos, Vulnerabilidade e Resiliência socioambientais urbanas: Inovações na análise Geográfica**. Revista da ANPEGE, v, n.1, número especial, p. 111-118, out. 2011.

MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (Org.). **Elementos da Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Editora da UFPR, 2002. 270p.

MORAES, Antônio Carlos R. **Geografia Pequena História Crítica**. São Paulo: Hucitec, 1986. 138p.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. São Paulo: Brasiliense, 2007. 113p.

_____. **Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica**. 1ª. Ed. 2ª. Reimp. 2009. 191p.

MOSER, C. The asset vulnerability framework: reassessing urban poverty reduction strategies. **World Development**, New York, v.26, n. 1, 1998. MICROCAL SOFTWARE, INC. *Microcal origin (version 6.0 Windows)*. Northampton (MA 01060 USA), 1999.

NÓBREGA, Joana d'Arc Araújo Ferreira. **O uso inadequado do solo e suas manifestações de risco à margem direita do açude de Bodocongó: comunidade da Vila dos Teimosos, Campina Grande, Paraíba.** Dissertação de Mestrado em Gestão e Políticas Ambientais. Universidade Federal da Pernambuco (UFPE), 2001.

PEREIRA, Ramiro Manoel Pinto Gomes. **A tal “urbanização” do açude de Bodocongó.** Disponível em: <Blog <http://ramiromanoel.blogspot.com/>> acesso em 18 de novembro de 2012.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder.** Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática. 1993. 269p.

ROCHA, J.S.M. da. **Manual de Projetos Ambientais.** Santa Maria: Imprensa Universitária. 1997.

SANTOS, Boaventura de S. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.** São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.** 6 ed. São Paulo: EDUSP, 2008. 285p.

_____. **Pensando o espaço do homem.** 5ª Ed. São Paulo: Edusp Editora da Universidade de São Paulo, 2009. 90p.

_____. **Espaço e Método.** São Paulo, Nobel, 1985.

SAQUET, Marcos Aurélio. **A renovação da geografia: a construção de uma teoria de território e de territorialidade na obra de Jean Gottmann.** *Revista da ANPEGE* v. 5, 2009, p. 134-145. Disponível em: <<http://anpege.org.br/revista/ojs-2.2.2/index.php/anpege08/article/view/38>> acesso em outubro de 2012.

_____. **Abordagens e concepções de território.** 2.ed. São Paulo: Expressão popular, 2010. 200p

_____. **Proposições para estudos territoriais.** *GEOgrafia*-AnoVIII -N. 15 -2006, p. 71-85.

SILVEIRA, Roberison Wittgenstein Dias da. **Influências da filosofia kantiana e do movimento romântico na gênese da Geografia moderna: a constituição dos conceitos de espaço, natureza e morfologia em Alexander Von Humbolt.** Dissertação (mestrado em

Geografia). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas, SP, 2008. 188p.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia: Contribuições para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004. 218p.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Notas sobre a Epistemologia da Geografia. Florianópolis. **Cadernos Geográficos**, n. 12, maio de 2005. 63p.

TELES, Virgínia Maria Barata. **A (in)consciência dos riscos naturais em meio urbano. Estudo de caso: o risco de inundação no Concelho de Braga**. (Tese de Doutorado Área de Conhecimento - Geografia Ramos de Especialização - Geografia Física e Estudos Ambientais), Universidade do Minho Instituto de Ciências Sociais, 2010. 310p.

TORRES, H.; MARQUES, E.; FERREIRA, M.P.; BITAR, S. Pobreza e espaço: padrões de segregação em São Paulo. **Revista do Instituto de Estudos Avançados**, IEA-USP, v.17, n. 47, p. 97-128, jan./abr., 2003.

VEYRET, Yvete. **Os riscos: O homem como agressor e vítima do meio ambiente (Org.)**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 276-277.

APÊNDICES

APÊNDICE I

PROJETO DE EXTENSÃO: A GEOGRAFIA COMO ESTRATÉGIA DE PLANEJAMENTO EM ÁREAS DE RISCO NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – PB.

Roteiro Estruturado para Entrevista com os moradores:

Nome do entrevistado: _____

Endereço: _____ Bairro: _____

1. Número de pessoas por domicílio (família):

2. Sexo e idade:

() Masculino () Feminino

Idade: _____

3. Estado civil: () Casado(a) () Solteiro(a) () Divorciado(a) () Viúvo(a)

4. Escolaridade (maior(es) de 7 anos):

5. Situação de trabalho (maior(es) de 18 anos):

6. Renda familiar:

() Maior que um salário mínimo () Menor que um salário mínimo

7. Naturalidade:

8. Número de estudantes por residência (família): _____

a) Série ou Ano: _____

9. Aonde residia anteriormente?

a) Há quanto tempo reside no local e por quê? _____

b) Motivo da saída do seu local de origem: _____

10. Condição de ocupação dos imóveis:

() Próprio () Alugado (Preço do aluguel: _____)

() Outros: _____

11. Tipo de construção: _____

a) Número de cômodos por residência: _____

12. Há energia elétrica?

() Sim () Não → da onde vem a energia? _____

13. Há água encanada?

() Sim () Não → da onde vem a água? _____

14. Condições de saúde:

a) Doenças que ocorrem com mais frequência na família:

b) Aonde a família procura assistência médica: _____

15. É comum a presença de insetos?

() Sim → Que tipo: _____ () Não

a) Qual método é utilizado para diminuição destes: _____

16. O carro de lixo passa na rua?

Sim → quantas vezes por semana: _____

Não → o que faz com o lixo: _____

17. A casa possui sanitário (banheiro)?

Sim Não

18. Possui rede de esgoto?

Sim Não → Para aonde vai o esgoto: _____

OBSERVAÇÕES:

APÊNDICE II**DADOS COLETADOS NO PROJETO DE EXTENSÃO:****A Geografia como Estratégia de Planejamento em Áreas de Risco em Campina Grande-PB.****(Cálculo de porcentagem e elaboração de quadro por David Luiz Rodrigues de Almeida, em 2011, colaborador do projeto).**

Breve perfil da Comunidade da Vila dos Teimosos de Campina Grande-PB.			
Público entrevistado		Aspectos do imóvel	
Gênero	%	Condição de ocupação dos imóveis	%
Masculino	18,37	Próprio	81,59
Feminino	81,63	Alugado	16,37
Total	100	Outro	2,04
Estado civil	%	Total	100
Casado	69,39	Tipo de construção	
Solteiro	18,37	Alvenaria	100
Divorciado	6,12	Outros	0
Viúvo	6,12	Total	
Total	100	Número de cômodos por residência	%
Escolaridade	%	1 à 5 cômodos	73,47
(Semi) Analfabeto (a)	12,24	5 à 10 cômodos	26,53
Ensino Fundamental Incompleto	44,9	10 cômodos ou mais	0
Ensino Fundamental Completo	0	Total	
Ensino Médio Incompleto	20,41	100	
Ensino Médio Completo	22,45	Serviços do imóvel/ higiênico sanitárias	
Ensino Superior Incompleto	0	Distribuição de energia elétrica	
Ensino Superior Completo	0	Sim	100
Total	100	Não	0
Situação de trabalho	%	Total	
Desempregado	55,1	100	
Autônomo	22,45	Rede de abastecimento de água	
Empregado	8,16	Sim	100
Aposentado/ beneficiado/ pensionista	8,16	Não	0
Não responderam	6,13	Total	
		100	
		Condições de saúde	
		Doenças mais frequentes	
			%

Total	100	xxxx	xxxx
Aspectos familiares		xxxx	xxxx
Número de pessoas por residência	%	xxxx	xxxx
De 1 à 3	16,33	xxxx	xxxx
De 3 à 5	44,9	Total	xxxx
De 5 à 7	28,57	Unidades de atendimento médico	%
7 ou mais	10,2	Posto de saúde	51,02
Total	100	Hospitais públicos	34,7
Renda familiar	%	Hospitais particulares	6,12
Menor que 1 salário mínimo	32,65	Outros recursos	2,04
Salário mínimo	32,65	Não respondeu	6,12
Maior que 1 salário mínimo	34,7	Total	100
Total	100	Presença de pragas, insetos e outros.	
Naturalidade	%	Presença de pragas/ insetos	%
Mata paraibana	2,04	Sim	93,88
Agreste paraibano	71,43	Não	6,12
Borborema	12,24	Total	100
Sertão paraibano	10,2	Tipos de pragas/ insetos	%
Outro	4,09	Pernilongos/ formigas	69,39
Total	100	Baratas	40,82
Número de estudantes por residência	%	Ratos	32,65
Não há estudantes	30,61	Outros animais peçonhentos	16,33
1	22,45	Não há total por ser uma conta fracionada	
2	28,57	Métodos de combate a pragas	%
3 ou mais	18,37	Nenhum combate	16,33
Total	100	Inseticida/ dedetização	38,77
Grau de escolaridade dos estudantes	%	Armadilhas, venenos e outros	24,49
Ensino Infantil	12,24	Não respondeu	20,41
Ensino Fundamental	50,06	Total	100
Ensino Médio	12,24	Serviços sanitários do domicílio	
Universitário	2,04	Coleta de lixo no domicílio	%
Não há total por ser uma conta fracionada		Passa na rua de casa	83,67
Onde residia anteriormente	%	Não passa na rua de casa	16,33
Sempre residiu no bairro	20,41	Total	100
Outro bairro de Campina Grande	32,65	Obs.: Embora este serviço não seja disponibilizado em	
Outra cidade da Paraíba	34,7	Todas as ruas, estas se apresentam em postos de	
Outro estado do Brasil	6,12	Coletas próximas a residência	

Não respondeu	6,12	Quantas vezes há a coleta do lixo por semana	%
Total	100	Nenhuma	0
Quanto tempo reside no local	%	Três vezes	83,67
Menos de 1 ano	4,09	Não respondeu	16,33
1 à 30 anos	85,71	Total	100
30 à 50 anos	6,12	Existência de sanitários	%
Mais de 50 anos	2,04	Sim	100
Não respondeu	2,04	Não	0
Total	100	Total	100
Motivo da saída do local de origem	%	Existência de rede de esgoto	%
Questões familiares	28,57	Sim	0
Condições de trabalho	14,29	Não	100
Aquisição do imóvel	22,45	Total	100
Outros motivos	22,45	Destino do esgoto	%
Não respondeu	12,24	Corre a céu aberto	28,57
Total	100	Segue em direção ao açude	2,04
		Não respondeu	69,39
		Total	100

**A GEOGRAFIA COMO ESTRATÉGIA DE PLANEJAMENTO EM ÁREAS DE RISCO NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – PB/
Projeto de Extensão/ Curso de Geografia/EVENTO**

Duração do Projeto:

- De Julho de 2011 à Julho de 2012
- Área Temática: Geografia do Risco
- Linha Programática: Meio Ambiente e Área de Risco
- Nº de Cadastro/ registro do Projeto na PROEAC: 05.08.102.11

Coordenadora e autora do Projeto:

- Joana D'Arc Araújo Ferreira

Aluna Bolsista:

- Raiane Gonçalves Silva Brito

Alunos Colaboradores:

- Maria Ester de Souza

- Josinete da Silva Oliveira
- David Luiz Rodrigues de Almeida
- Josivaldo da Silva Oliveira
- Genigláucio Gusmão
- Rodrigo Araújo Ferreira
- Adailton Vasconcelos Júnior
- Sergio Ricardo Gaião

APÊNDICE III

INSTITUTO MÉDICO LEGAL (IML)



Foto de Maria Ester de Souza, 2012.

APÊNDICE IV

(Companhia de Água e Esgotos da Paraíba – CAGEPA).



Foto de Maria Ester de Souza, 2012.